

Eduardo Leitão

# 100 HORAS NA PRISÃO

Uma reflexão sobre a  
Lei da Pensão Alimentícia no Brasil



Eduardo Leitão

# **100 Horas Na Prisão**

**Uma reflexão sobre a  
Lei da Pensão Alimentícia no Brasil**

**1ª. Edição, 2023.**

À

Viviana, minha esposa, pelo seu amor,  
por estar ao meu lado em todos os  
momentos.

À

Aninha, por tomar para si a minha  
causa, fazendo de sua profissão um  
ato de amparo e proteção.

Aos

meus amigos. Seja nos risos  
compartilhados ou nas lágrimas  
enxugadas juntos, nossa amizade é  
um tesouro precioso que guardo no  
mais profundo do meu coração.

Que este livro, assim como nossa  
amizade, seja capaz de inspirar,  
fortalecer e despertar emoções. Que  
ele seja um lembrete do quanto sou  
grato por tê-los como amigos,  
pessoas especiais que trazem amor,  
apoio e alegria para minha existência.

Eduardo Leitão

maio de 2023.

"A morosidade e a burocracia do judiciário tornam a busca pela justiça um verdadeiro desafio para os cidadãos comuns."

"A seletividade na aplicação das leis e na concessão de privilégios revela uma falta de imparcialidade e compromisso com a justiça no judiciário."

"Alguns pais que não pagam pensão enfrentam obstáculos legítimos, como a falta de emprego ou renda instável, e merecem uma abordagem mais compreensiva e soluções alternativas ao invés de penalizações severas."

"É fundamental analisar cada caso individualmente e considerar as circunstâncias específicas dos pais devedores antes de julgá-los, pois nem sempre o não pagamento é resultado de negligência, mas sim de dificuldades financeiras temporárias."

"Muitos daqueles presos pela Lei da Pensão Alimentícia não estão ali porque as mães ou filhos precisam efetivamente de dinheiro, mas sim porque eles querem vingança e punição contra o ex-marido ou próprio pai. Vingança, punição e, muitas vezes, verdadeiras extorsões, patrocinadas pelo judiciário."

---

Este é um projeto sem fins comerciais e tem o objetivo de, principalmente, ajudar outros pais que também buscam orientação e amparo em suas lutas pessoais. Este livro será impresso e distribuído em delegacias, presídios, fóruns e onde mais se fizer útil, na tentativa de trazer à tona a importante discussão sobre a Lei da Pensão Alimentícia no Brasil e a necessária correção de suas aplicações distorcidas.

Paralelamente, será criada a PRÓ-PAIS/MG. Associação de Apoio aos Pais de Minas Gerais. Se você precisa de ajuda ou deseja se voluntariar e contribuir com a busca de mais justiça para Pais e Filhos, acesse o site: **propais.org** – e-mail: **propaismg@gmail.com**

Sete horas da noite. Um homem chama em meu portão por três vezes, mas eu não havia entendido, estava ao telefone. Já impaciente, chama uma quarta vez em voz mais alta. Ao olhar pela janela, um policial militar com sua devida farda e arma empunhada, pedindo para que eu fosse até portão. Assustado, apenas avisei à minha esposa ao telefone: “tem um policial militar me chamando, acho que vou ser preso”. Desliguei a chamada. Ao caminhar para o portão, percebi outros dois policiais fazendo cerco ao redor da casa, provavelmente para impedir uma eventual tentativa de fuga de minha parte. Já sabendo do que haveria de me acontecer, cumprimentei o oficial que, educadamente, disse que eu haveria de descer com eles para a delegacia. Enquanto isso os outros dois agentes também se encaminham para o portão e, percebendo minha reação pacífica, abaixam suas escopetas e fazem a abordagem. A primeira coisa que eu disse: “pensão alimentícia, não é?”. Os policiais, com ar de pesar, dizem: “O senhor já sabia, não é? Não gostamos de fazer isto, a gente gosta mesmo é de prender bandido, mas infelizmente o senhor terá que descer com a gente”. Eu pedi então para que pudesse colocar uma calça e buscar uma blusa de frio e documentos. Voltei em casa e passei rapidamente uma mensagem para a Aninha, advogada: “estou sendo preso agora”. Peguei uma blusa de frio, documentos e uma escova de dentes. Coloquei tudo em uma sacola verde que achei em cima da mesa, daquelas de supermercado de bairro, e fui até o portão. No caminho tentei lembrar se havia deixado ração suficiente para os cachorros. Os oficiais, com visível semblante de constrangimento, disseram: “Senhor Eduardo, sente aqui conosco na viatura. Lá atrás é para bandido”. Segui com eles até o batalhão da PM, que ficava do outro lado da cidade, contando meu caso. Eles, sempre demonstrando muita empatia, também contavam casos pessoais semelhantes, ocorridos com eles próprios ou outros amigos da corporação. No final da viagem já éramos quatro homens rindo e se lamentando como

amigos. É interessante perceber a empatia que eles têm com esses casos. Comentam que, se eu fosse um bandido, no outro dia estaria solto. Mas como é pela lei da pensão alimentícia, teria que ser detido sem recurso mesmo.

Ao chegar ao batalhão, muito constrangido e de cabeça baixa, começam os vários trâmites de preenchimento de papeis e entradas no sistema policial, recolhimento de digitais e confecção do boletim de ocorrência. Após este primeiro momento relativamente brando, criei a ilusão que as coisas ficariam bem. Até que sou deslocado à delegacia e entregue à polícia civil que, em sua rotina de recebimento constante de criminosos, não se importa nem um pouco se sou mais um delinquente ou apenas um pai de família com problemas financeiros. O policial militar, com um olhar de forte condescendência, se despede de mim enquanto sou encaminhado à cela da cadeia. Ao ser conduzido para dentro da cela e então trancada a enorme porta de grades começo a entender o motivo do olhar compadecido do então amigo policial militar.

Um portão de grades bastante improvisado e grosseiro, com aspecto de masmorra medieval, se fecha em minha frente enquanto o policial civil, sem saber nada sobre mim, tranca de forma rude a porta com dois cadeados velhos e enferrujados. Naquele exato momento me abateu na alma uma grande aflição, ao perceber que eu estava literalmente preso, impedido de passar adiante daquelas grades enferrujadas. Percebo logo um cheiro forte. Ao finalmente me dar conta de onde estava, olhei para trás a fim de reconhecer o local fétido em que fui trancado, onde não havia nenhuma cadeira, banco, ou apoio, apenas uma cela de 2 x 1,5 metros com uma pequena parede de reboco malfeito onde atrás estava um vaso sanitário chumbado com concreto ao seu redor. O chão era feito com restos de cacos de granito, gelado, e as paredes com azulejo branco sujo e cheio de pixações,

inclusive com sangue. Não havia nada a mais a não ser uma garrafa plástica velha de água pela metade, esquecida em cima da mureta da latrina. Fedia muito! O cheiro forte de urina, fezes e esgoto era suportável somente se ficasse de pé e alternando os lugares. Quando as pernas doíam a ponto de não suportar, a única opção era sentar no chão encostado na grade, onde havia um pequeno ressalto. O cheiro forte ficava suportável por apenas alguns segundos, fazendo-me levantar novamente a fim de respirar um pouco melhor. Ou ficava de pé ou sentava e respirava esgoto.

Após as primeiras três horas em pé e ao avançar da madrugada, a ideia de sentar-me no chão foi passando de impossível para bastante provável. O cheiro de esgoto já não era pior do que ficar em pé e com sono sem ter onde apoiar. Por duas vezes quase cai. Vencido pelo cansaço, fui basicamente alternando. Ficava cinco minutos sentado, até que o cheiro ficasse forte o suficiente, levantava e ficava mais 25 minutos de pé. Com o passar das horas, fui encontrando inúmeras maneiras de me ajeitar na cela, apoiando o peso do corpo em membros diferentes até que a dor me fizesse mudar de posição. Ao colocar a camisa sobre a cabeça, o cheiro de excrementos era amenizado, então poderia ficar um pouco mais do que cinco minutos sentado no chão, mas aumentava o frio nas costas, pois o policial fingia não ouvir meus chamados para pegar minha blusa de frio que havia ficado na sacola jogada no canto da sala. Já a possibilidade de me deitar era totalmente excluída das opções. Literalmente impossível, não só pelo forte cheiro e estado do chão, como o frio do piso feito de cacos de granito. Seria como se deitar em cima de uma barra de gelo com urina. Então permaneci de pé e segurando nas grades, por vezes apoiando as mãos na barra e inclinando a cabeça sobre o antebraço. Por incrível que pareça,

conseguia até mesmo cochilar alguns segundos, literalmente dormindo em pé como um cavalo.

A noite vai se adentrando e o tempo parecia então correr cada vez mais devagar. Ficava por vezes analisando as barras de ferro, literalmente recolhidas de restos de ferro-velho, soldadas de improviso com outras placas de trânsito enferrujadas de cabeça para baixo, numa clara improvisação de tudo, como se fosse um chiqueiro feito às pressas para receber porcos de última hora. Não sei como eram as masmorras romanas, mas naqueles momentos eu não me reconhecia no século 21.

Apesar de toda a precariedade em que estava, o que mais me oprimiam não eram exatamente as grades ou o esgoto passando por baixo das minhas pernas. O mais opressor era o ambiente onde, em outras duas celas, estavam outros personagens: um “noiado” que gritava o tempo todo dizendo que ia me matar e outras coisas sem sentido, um ladrão de menor porte, um estuprador de crianças e um bêbado que foi pego no trânsito dirigindo totalmente sem condições. Ele mal conseguia falar ou parar de pé. Felizmente, tive a sorte de ficar sozinho na cela, enquanto os outros eram amontoados na cela ao lado. Exceto o estuprador, que foi colocado também separado, mas em uma cela ainda pior que a minha, sem iluminação e sem latrina. Um pouco adiante chega o advogado do motorista bêbado e diz que no outro dia ele seria libertado. Eu fiquei pensando sobre isso, em como a justiça deixa solto um irresponsável que pode matar uma família inteira, mas prende um pai trabalhador em dificuldades financeiras. Eu ouvia os policiais comentando do outro lado da porta de ferro: no dia seguinte tanto o bêbado quanto o ladrão e o noiado estariam soltos, já o “da pensão” estaria preso por muito tempo.

Após duas horas dizendo que ia me matar e fazendo gestos apontando para mim, finalmente o “noiado” caiu no sono após comer um pequeno pacote de salgadinhos que alguém trouxe para ele. Enquanto isso o bêbado ficava o tempo todo pedindo água aos agentes carcereiros, mas totalmente ignorado. O estuprador e o ladrão em silêncio absoluto. Até que, depois de umas quatro horas e já no meio da madrugada, um dos agentes, demonstrando pouca paciência, pegou uma garrafa jogada no chão, foi até a torneira ao lado do vaso sanitário da sala e colocou um pouco de água e entregou ao bêbado. Neste mesmo local havia um balde sujo, provavelmente era o que usavam para encher de água e jogar nas latrinas, já que nelas não havia descarga. E ao julgar pelo acúmulo de urina e fezes nas latrinas, esse balde não era usado há um bom tempo.

Nas horas seguintes o barulho dos carros na avenida principal havia diminuído. Como eu não tinha noção de horas, julguei ser finalmente o início da madrugada. Preparei-me então para enfrentar a gélida noite de maio alternando entre o ficar de pé e me apoiando nos azulejos sujos e pichados, na grade de ferro e eventualmente me sentando no chão. Quando o cansaço batia, a ideia de me sentar na latrina por várias vezes me passava pela cabeça, mas era realmente impossível se sentar naquele monte de fezes. De madrugada apenas o barulho da porta de ferro quebrava o silêncio, era quando chegava um novo delinquente capturado. Nessas horas eu ficava muito apreensivo, pois se as outras celas ficassem muito cheias, com certeza iriam começar a colocar mais homens junto comigo. Aquele barulho da porta de ferro realmente ficou marcado em minha mente. Naquelas oportunidades em que o policial abria trazendo mais presos, às vezes eu pensava em pedir ao agente um pouco de água e que pegasse minha blusa de frio. Mas o sentimento de opressão era tamanho que a opção de ficar quieto e calado ainda era melhor do que

tentar minimizar a sede e o frio. Concentrei-me então em manter-me sóbrio no meio daquela situação surreal, inimaginável para um cidadão comum, pai de família. Tenho certeza de que isso é “coisa normal” para os criminosos, devem “tirar de letra”, mas para quem jamais imaginou passar por isso um dia, era bem traumatizante. De toda forma, eu estava até surpreendido com meu equilíbrio emocional, apesar de tudo. Posso não ser um bandido de carreira, mas a vida já tinha me experimentado bastante. Desconforto, precariedade e privações não eram novidade para mim. Continuava com a mente calma e focada em manter o básico funcionando, sempre apreensivo pelo barulho da porta de ferro quando se abria.

A madrugada vai se tornando mais fria. A opção de tampar a cabeça com a blusa para diminuir o cheio de esgoto vai ficando cada vez mais difícil. Ou tapava o nariz ou cobria as costas. Foi um grande erro não ter pegado a blusa de frio. Naquele entra e sai de bandidos e agentes, meu anonimato era uma das coisas que mais me angustiava. Dava vontade de dizer: “Ei, não sou um bandido, por que estou sendo tratado como tal?”. Apesar de tudo, ficar quieto e calado estava sendo a melhor estratégia no meio daquela situação humilhante. Se o policial por acaso não fosse com a minha cara, poderia começar a destinar os novos hóspedes para minha cela. Eu ficava por horas olhando as frestas que haviam entre o amontoado de grades e placas de trânsito soldadas, para ver se aparecia um raio de sol. No silêncio da madrugada, o barulho de ferro batendo só não era maior do que as tosses convulsivas de um dos presos ao lado. Por vezes achei que o sujeito estava muito doente e quase morrendo, vomitando na cela junto aos demais. Nessas horas eu me sentia um verdadeiro privilegiado por ter um chiqueiro só para mim.

O silêncio da avenida começou a ser quebrado por alguns carros e caminhões passando eventualmente. Julguei então que

a madrugada já estava se acabando, talvez fosse umas cinco horas da manhã, quando as pessoas começam a se deslocar para o trabalho. Isso me dava algum alento. Mas o tempo passava e nenhuma luz entrava pelas frestas da janela de ferro improvisada. Apenas a luz forte do centro da sala, que entrava parcialmente pelas grades da minha cela, era o que iluminava o local. Não sei o que era pior. A escuridão e o fedor do canto direito da cela ou a luz forte do canto esquerdo, que me causava dor de cabeça ao olhar. As horas não passavam! Não via a hora de ser levado logo para a prisão e sair dali! Mas era pura ansiedade mesmo, pois o que havia de me esperar era bem pior do que onde eu estava.

Felizmente uma pequena claridade iniciou em uma das frestas! Fiquei um pouco melhor ao imaginar que já seria umas seis ou sete da manhã. Mas não, ainda foi preciso muito tempo se passar para um verdadeiro raio de sol aparecer claramente naquela fresta. Imaginei então que meu sofrimento estava próximo de se acabar (ou pelo menos mudar) pois, teoricamente, às sete horas o delegado haveria de recolher os presos. Mas sete horas chegou e percebi que não haveria hora para isso, seria totalmente aleatório. Então me conformei com a ideia de passar o dia inteiro naquele lugar, esperançoso de que não poderia ficar mais do que vinte e quatro horas, talvez. Neste momento eu já não me importava mais em ficar totalmente sentado no chão e apoiando a cabeça nos azulejos sujos de sangue, o cansaço e abatimento fizeram do chão o menor dos meus problemas. Após 16 horas ali, abre-se então mais uma vez a atormentadora porta de ferro. Entra então um oficial com ar de apressado, visivelmente mal-humorado e com total rispidez. Retira da cela o estuprador e o encosta na parede, abre também minha cela e ordena que eu fique igualmente encostado na parede com cabeça baixa ao lado do estuprador. Neste momento traz também o motorista

bêbado, o “noiado” doente e o ladrão. Começa a reclamar com o outro agente sobre as algemas ruins e com defeito nas trancas e pede outras duas para colocar também em nossas pernas. Como não havia algemas de pernas para todos, ele travou uma delas em uma de minhas pernas e me acorrentou junto com a perna no estuprador e do bêbado. Uniu também os nossos punhos de modo que nós três ficávamos com os punhos entrelaçados uns nos outros e os pés também ligados por correntes. Nisto ordena que saíamos da cela com pressa, mas ao tentarmos andar de lado e cambaleando, as algemas das pernas apertavam ainda mais, causando muita dor. Este foi um dos momentos mais humilhantes para mim, caminhando acorrentado a bandidos e sendo empurrado junto com os demais para dentro da viatura policial. Não consigo descrever em palavras a profundidade desta humilhação!

O agente realmente parecia muito consternado e atrasado, dirigindo a viatura em alta velocidade literalmente moendo o carro e fazendo com que, intencionalmente, batêssemos como animais, enquanto a dor das algemas aumentava a cada curva. Fiquei realmente preocupado de que aquele homem iria bater o carro naquela velocidade, ou mesmo atropelar uma criança entrando naquelas curvas de áreas residenciais sem nenhuma prudência. E nem mesmo a sirene estava ligada. Era um carro preto em alta velocidade em área urbana. Isso me fazia eventualmente esquecer de que estava acorrentado com bandidos e a me preocupar mais com o motorista. Finalmente ele estaciona então em um outro local, que eu havia percebido como algum posto médico policial. Pensava que estávamos indo direto para o mal afamado presídio da cidade. Para meu alívio temporário ainda não era o momento, tínhamos que passar pelo tal exame de corpo de delito. O policial ficou ainda mais mal-humorado porque o médico tinha que examinar primeiro um cadáver que acabava de chegar com o peito estourado.

Após tomar um cafezinho, ele começa a contar algumas piadas sobre nós quatro com o colega do posto médico: “Trouxe mais uns anjinhos pra você examinar” ou “Aqui só tem santo” ou “Vocês também querem um café? Talvez um pão de queijo?”. Todos já estávamos há 18 horas sem comer ou beber nada. O médico então chama o primeiro. Enquanto ficamos aguardando o “noiado” se despir, o policial começa a puxar assunto com o ladrão ao lado. Depois de algumas piadinhas com o rapaz, começa então a me perguntar com um sorriso sarcástico no rosto: “Você é o da pensão né? Quanto é que você está devendo?”. Ainda algemado com o estuprador, começo a contar minha história. Dizem que quando abrimos a boca é que mostramos quem somos. O policial, ao escutar minha história, começa então a mudar seu semblante de deboche e logo em seguida me desamarra do estuprador. Continuamos a conversar e ele começa também a contar casos semelhantes com amigos próximos. Chega então a minha vez. Sou encaminhado ao médico, já sem as algemas de mão e as correntes nos pés. Sento-me em frente ao médico, que era muito educado e cordial. Ele pede para que eu abaixe as calças e começa os procedimentos. Pelo visto comigo, felizmente, foi menos minucioso. Assino então um papel que nem sei o que seria, talvez dizendo que eu estava bem e sem nenhum hematoma aparente. Deste momento em diante o oficial me olhava totalmente diferente, com aquele mesmo olhar de compaixão dos agentes militares que me pegaram em casa. Colocou então apenas eu na cabine da viatura enquanto os demais foram no porta-malas com grade. A partir daí então tratava-me com muita educação e compaixão.

Ele comentou que deixaria os outros presos no presídio da cidade, mas eu voltaria para a delegacia junto com o estuprador. Dirigiu então a viatura com ainda mais velocidade, saltando quebra-molas e, intencionalmente, fazendo moer os presos

do porta-malas. Eu escutava os solavancos e os ais. Fiquei novamente com medo de que ele provocasse um acidente, e o pior é que não havia cintos de segurança e as mãos estavam ainda presas com as algemas. Um acidente naquelas condições poderia resultar em algo muito grave. Minha apreensão só terminou ao chegar o portão do presídio. Naquele momento uma angústia inimaginável tomou conta de mim, ainda maior do que quando fui acorrentado! Eu sabia que não era ainda a minha hora de ficar lá, mas aquilo seria uma prévia do que me aguardava. Somente passando por isso para entender a profunda angústia que bate quando se está diante ao enorme portão preto do complexo prisional. Era muito assustador aquele ambiente visivelmente com problemas de precariedade e sucateamento por parte do Estado. Havia superlotação e os comentários do oficial sobre o presídio eram ainda mais assustadores, dizendo: “Lá de noite você tem suas roupas roídas pelos ratos que passeiam pelas celas!”. E não era para me fazer medo não, ele já havia tido empatia para comigo. Eram relatos verdadeiros me preparando pelo que vinha pela frente.

Deixados então aqueles presos, voltamos para a estrada. Fomos conversando de igual para igual durante a viagem de volta à delegacia. Este homem passou de indiferente e ríspido a uma pessoa totalmente compadecida e sensibilizada comigo. Por alguns instantes eu tinha até me esquecido que estava preso. Na delegacia, desce então o outro preso, o estuprador, e o recoloca na cela. Em seguida vai buscar um copo de água para mim, o primeiro depois de 20 horas. Permite que eu tome um remédio para dor de cabeça e, de forma gentil, me entrega ao outro plantonista. O plantonista, sem entender nada, começa a fazer piadinhas dizendo algo como: “Nossa, água mineral, que isso em colega. Daqui a pouco vai ganhar até cafezinho.”. Era um claro tom de deboche com o agente que me trazia a água. Infelizmente não consigo me lembrar o nome do agente que,

ao ouvir minha história, passou a me tratar bem. Mas sua empatia para comigo, no meio de tanta humilhação, jamais será esquecida.

Ao ser reconduzido às celas, o estuprador é colocado na antiga cela onde eu estava. Fiquei muito consternado ao olhar para a outra cela ao lado onde os demais passaram a noite, a mesma em que o “noiado” doente estava vomitando. Cheguei até a comentar com o agente que eu estava na outra cela, numa fraca tentativa de ser reconduzido à mesma de antes, que me parecia menos ruim que a outra, mas de nada adiantou. O policial nem olhou na minha cara, eu era mais uma vez somente um anônimo. Entrei e ele trancou o portão de grades. Antes, porém, pediu para que eu retirasse meu cinto da calça e o jogou no chão no canto da sala. Dizia que não queria ninguém se suicidando no plantão dele para não lhe dar trabalho. Como era de se esperar, esta nova cela era ainda pior do que a outra em que eu estava antes. Ferros retorcidos com soldas grosseiras e paredes pichadas, pontas de ferro sobrando, lixo, um chão ainda mais sujo com restos de plásticos e uma garrafa de água vazia jogada no chão, uma latrina ainda mais fétida e cheia que a anterior. O local talvez nunca fosse limpo. Felizmente só havia um outro homem comigo neste momento.

O tal homem, que aparentava ter uns 33 anos, de cabeça abaixada e visivelmente abatido, não me parecia perigoso. Então puxei assunto com ele na tentativa de quebrar o silêncio e fazer algum tipo de contato positivo. Ele, num tom humilde e arrependido, começou a me contar sua história. Por alguns minutos, naquela conversa franca e até mesmo amigável, ouvi suas lamentações e criei empatia com seu fado. Por algum tempo consegui abstrair da masmorra onde eu estava e procurei ajudar o homem com algum tipo de ouvido atento e boas palavras. Neste momento, ao constatar que eu e ele estávamos no mesmo barco, coloquei-me totalmente empático com sua vida,

ignorando totalmente os motivos pelo qual ele havia parado ali. Ao ouvir sua história comecei a perceber que meu problema era infinitamente menor do que o dele. Certamente esse tipo de empatia nos traz algum consolo em meio ao caos. Segundo ele, havia sido preso ao tentar roubar uma picanha em um supermercado, para trocar por droga na rua. Ele contou sua luta contra o vício, sua saudade do filho, sua consciência pesada e sua dor relativa à sua esposa que, segundo ele, o ajudava a combater suas fraquezas. Ouvi também sobre sua relação com o pai, que me levava a crer ser um homem sério e conservador. Ele não conseguia lidar com a fraqueza do filho em relação às drogas, mas pelo visto ainda assim o amava e ajudava. Tinha plena consciência do estado de sequestro químico em que se encontrava. Segundo ele, era um trabalhador competente, eletricista contratado de empresas grandes. E ao julgar pelo seu linguajar polido e visível inteligência no trato, realmente parecia ser um homem de bem, refém das drogas. Estava inclusive em tratamento em uma clínica de recuperação. Seu olhar fundo e escuro, por baixo daquelas sobrancelhas retas, só emitia alguma luz quando ele falava de seu filho e sua mulher. Neste momento dava para perceber o quanto ele, conscientemente, reconhecia sua condição. Era como um homem de bem, eloquente e inteligente, aprisionado em um corpo trêmulo e escravo de uma condição viciante que o oprimia. Quando falava da droga, ele descrevia como uma fissura que surgia nos momentos de angústia, que era mais forte do que ele. Só parava de usar a droga quando o dinheiro acabava ao final da madrugada. E em uma dessas, quando já não tinha o dinheiro, foi que resolveu roubar a picanha no supermercado para servir de moeda de troca na rua. Foi por isso que tinha sido preso.

Era incrível sua plena consciência de tudo, seu amor por seu filho e sua mulher, seu respeito pelo pai e sua vontade latente

de vencer tudo aquilo e recomeçar sua vida. Fiquei sensibilizado ao entender sua luta contra a angústia e a dependência química. Ele dizia que queria muito retomar sua família e estar perto de seu filhinho de três anos. Comovido, procurei o encorajar a ter forças e lutar por isso. Eu o dizia que ele era um privilegiado por ter uma esposa que o amava, de poder ter seu filho com ele o tempo todo, e tentava o consolar ao contar minha história. Falava com ele das minhas lutas para estar perto dos meus filhos e a difícil relação com a ex-mulher. Talvez alguma dessas palavras o confortasse e o encorajasse. Mais tarde ele então foi recolhido pelo policial e, na despedida, reforcei para ele minhas palavras de encorajamento enquanto ele saía algemado. Fiquei verdadeiramente torcendo por ele e ao mesmo tempo angustiado, pois não saberia o que haveria de acontecer com ele, seu filho, sua mulher e pai depois daquele dia. Felizmente ele havia sido preso por roubo e não por pensão alimentícia, então estaria solto no dia seguinte.

Ao trancar novamente a cela, fiquei mais algumas horas esperando ser finalmente transferido para o presídio. Ao entrar uma moça que parecia trabalhar lá, perguntei a ela quando eu seria transferido e para onde. Ela me disse que seria na penitenciária de Ribeirão das Neves. Naquele momento eu não sabia se ficava feliz ou triste. Feliz pois não voltaria para o caos da penitenciária com ratos que eu havia estado antes, mas angustiado por não saber o que me aguardaria, ainda mais pela enorme distância de minha cidade. Antes de bater a porta, perguntei a ela sobre “o almoço”, nem sei por que, mas perguntei. Ela, educadamente, disse que ali somente parentes poderiam trazer algum alimento. Neste momento em que estava sozinho e sem ninguém que poderia me ajudar, esqueci a sede e a fome e concentrei-me em esperar a hora da transferência com a mente o mais lúcida possível.

Não sei quantas horas mais se passaram e a única coisa que me preocupava naquele momento era em não ter mais outros trancados comigo. Queria mesmo ficar sozinho. Finalmente entra um agente dizendo meu nome e com um papel na mão. Não sabia naquele momento se sentia alívio por sair dali ou pânico por onde eu haveria de ser deixado. Ao sair pela porta de ferro da sala de celas, algo me confortou. O agente que havia me levado para o exame médico e que desde então se tornou empático comigo estava com os outros papéis na bancada. Pensei comigo como seria bom se ele me levasse. Mas não era ele o motorista desta vez. Seria outro que eu ainda não conhecia. Mas essa apreensão foi diminuindo quando percebi que eles já haviam conversado. Fiquei com a sensação de que aquele novo agente talvez me tratasse bem também. A sensação durou pouco, pois em seguida fui algemado com o estuprador e colocado no porta-malas junto com ele. Era difícil ajeitar o corpo, pois não havia espaço para dois homens naquele porta-malas. Ainda mais algemados. Mas rapidamente encontramos uma posição retorcida que deu certo o suficiente para o agente bater a tampa do carro em nossas caras e se dirigir para o banco do motorista. A viagem para Neves era longa. Foi então que de forma natural e totalmente espontânea puxei conversa com aquele homem. Naquele momento eu não me sentia nem um pouco diferente dele, pelo contrário, era quase um sentimento de irmandade debaixo daquela condição opressora.

O rapaz tinha um semblante bom, não parecia nem um pouco ameaçador. Tinha uma fala em bom português, sem nenhum sotaque. Diferente de mim que, àquela altura, já havia esquecido todo o vocabulário e me comunicava quase que somente por dialetos mineiros mais fáceis de lembrar. Tive então coragem de comentar com ele sobre o seu caso: “ouvi dizer que você abusou de uma menor”. Ele, sem nada a esconder, disse: “Na verdade foi a mãe dela que nos

colocou nessa situação. Eu era jovem e ela também, ela tinha 15 anos.” Então comentei: “isso então foi há muitos anos!”. Ele: “Sim, já faz 10 anos isso.” Continuei: “demorou muito pra sair a decisão né?” e fui intercalando outras perguntas, tão sinceras quanto as respostas que ele me dava. Ele contava: “eu hoje tenho um filhinho de 2 anos, já me casei, tenho uma barbearia, levava uma vida normal”. Comentei: “mas então você cometeu esse erro no passado, e depois não mais?”. Ele: “Não, nunca fiz nada de errado. Foi uma coisa errada na adolescência” e ele continuava a contar sua história, visivelmente abatido e desanimado, sempre com excelente português. “Peguei 10 anos, a pena mínima para casos de estupro de vulneráveis”. E a conversa foi seguindo até que paramos em um posto de combustível da polícia para abastecer. Neste momento o agente pede para que eu desça do porta-malas, retira minhas algemas e, educadamente, pede para que eu sente ao lado dele no carro. Não sei o que o fez mudar de ideia sobre mim e me retirar do porta-malas. Talvez ele estivesse escutando nossa conversa e tenha percebido algo diferente em mim, ou então o outro agente tinha comentado algo. Segui a longa viagem restante no banco ao lado do motorista, conversando de igual para igual, trocando experiências e comentando muito sobre as tortas leis do nosso país. Falávamos sobre a lei da pensão alimentícia, a corrupção e esquizofrenia do judiciário, que julga conforme seu gosto pessoal e não conforme a reta justiça, e coisas mais... Neste restante da viagem havia até me esquecido que eu estava sendo conduzido à uma penitenciária. Foi um breve momento de refrigério naquela sequência de opressões anteriores.

Entramos finalmente na estrada do presídio e, ao chegar no enorme portão principal, desce então o rapaz do porta-malas e logo os agentes fazem uma vistoria nele. Permaneci quieto dentro do carro. O policial civil entrou novamente no carro e seguimos,

sem que eu passasse por vistoria. O agente ri e diz que os vistoriadores acharam que eu era policial também, por isso não me revistaram. Disse também, em tom de alerta, para eu tomar muito cuidado com os agentes internos. Naquela hora isto era apenas mais uma apreensão no meio de tantas outras. Ele estaciona então a viatura de frente ao pátio onde outros presos pareciam organizar o almoço do dia, desce com o rapaz do porta-malas e, pelo retrovisor, vejo ele lentamente sumindo na escuridão daquele corredor. Naquele momento, curiosamente, me bateu uma grande angústia por ele. Eu nem pensava no crime que ele cometeu. Apenas via um dono de barbearia, homem casado e com um filho de dois anos sumindo no escuro para ficar seus próximos 10 anos preso. Naquele instante, meus 90 dias de prisão definidos pelo juiz de família que nunca me viu, pareciam poucos perto dos 10 anos dele. Eu não sabia mais o que sentir, apenas fiquei quieto esperando a volta do agente. E isso demorou, acho que são muitas papeladas para isto. O agente finalmente apareceu e foi até uma das caixas de frutas, pegou então duas laranjas e trouxe uma delas para mim. Eu fiquei tão agradecido, pois era o único alimento que eu recebia nas últimas 30 horas. Aquela laranja parecia a fruta mais doce do mundo. Aquele gesto do agente, por mais simples que possa parecer, era uma enorme demonstração de empatia e compaixão.

Nos dirigimos então para a outra unidade prisional, a que eu realmente iria ficar, que era perto dali. Meu sentimento de consolo era que, depois do que já havia passado naquele chiqueiro anterior, nada poderia ser pior. Eu realmente já estava mais preparado. Ao chegar no portão da unidade em que iria ficar, não parecia nem um pouco com as outras duas penitenciárias anteriores, pois tinha uma área verde com horta, sem aquela opressão do concreto e grades. Descemos da viatura caminhando para dar entrada e, antes do portão se fechar, ouço o policial que me levou acenando e se despedindo de

mim, dizendo que eu tenha boa sorte, num claro gesto de empatia e consideração.

Ao chegar na sala os agentes começam a olhar meus pertences. Eu havia levado minha escova de dentes, um fio dental e uma blusa de frio. Levei também meu diploma de bacharel em administração, na vã ilusão de que isso me ajudaria em alguma coisa. No final das contas, o que me ajudou de verdade desde o começo, foi lidar com todos com educação, calma e bom português. A gente vale mesmo pelo que é, não pelo que tem. Os agentes da recepção foram cordiais e me disseram que aquela era uma unidade diferente, pois concentrava todos os presos por pensão alimentícia do Estado de Minas Gerais, e também presos por crimes diversos, mas que já estavam em regime semiaberto, em ressocialização. Sendo assim, havia menos rigor nos procedimentos e uma certa “liberdade” dentro da unidade. Poderíamos, se quiséssemos, nos voluntariar para trabalhos internos e com isso passar o dia fora da cela, desde que fosse para trabalhar. Havia trabalho na horta, na jardinagem, limpeza, conservação e ainda uma fábrica de blocos ou mesmo serralheria, e ainda trabalho de pedreiro para construção e reforma de celas ou anexos. A cordialidade e a apresentação inicial me trouxeram grande alívio, dentro do possível, mas isso durou pouco. Em seguida, recolheram tudo que levei deixando-me apenas com a escova de dentes, recebi então uma coberta enrolada onde havia também uma caneca de plástico azul, uma colher de plástico e um pedaço de sabão em barra branco, daqueles de lavar roupa em tanque. Perguntei se poderia ficar com a blusa de frio e prontamente me disseram que não. Orientaram que só poderia caminhar com as mãos para trás, cabeça baixa e sempre me dirigir aos agentes por sim senhor ou não senhor. Em seguida fui para outra salinha. Naquela salinha, a angústia me bateu forte novamente, quando coloquei a placa de identificação no

pescoço e tiraram fotos de cadastro de preso, aquelas mesmas que vemos nos filmes policiais. Bateu então um sentimento de humilhação ao me ver naquela situação. Plaquinha de preso igual as de bandido eu não esperava. Coloquei em seguida o uniforme vermelho da prisão: uma camiseta e um short. A cada momento a angústia aumentava. Aquele uniforme vermelho de presidiário, com o escrito DEPEN nas costas, era realmente humilhante. E seria a única peça de roupa que eu haveria de ficar os demais dias, sem blusa de frio ou par de roupas reserva. Mas eu não havia pensado sobre isto naquela hora, enquanto o agente me levava para a “Cela 1”. Mãos para trás, cabeça baixa e uniforme vermelho, levando uma coberta enrolada e os poucos itens de higiene. O agente abre então a porta de ferro do pequeno “pavilhão” e vejo dezenas e mais dezenas de homens de vermelho lá dentro! Ele empurra as minhas costas e diz apenas “eles vão te orientar aí...” e em seguida fecha e tranca a porta por fora. Eu, ainda meio atordoado com aquela visão, começo a cumprimentar alguns homens enquanto um deles me encaminha para dentro da cela. Ao entrar na cela, outras dezenas de homens amontoados em treliches e colchões velhos espalhados no chão. Eu não consigo imaginar 63 cachorros confinados naquele espaço. Mas eram ao todo 63 homens em uma cela de 4x8 metros. Isto mesmo! 63 homens tentando encontrar espaço em uma cela de 32 metros quadrados aproximadamente. Isso seria algo como dois homens por metro quadrado. Se fossem cachorros ou chimpanzés, com certeza algum órgão defensor dos animais levantaria a voz e terminaria com aquilo. Mas como eram apenas homens trabalhadores e pais de família, estava tudo bem. Aquela cena foi realmente chocante! Demorei alguns segundos para voltar à realidade até que o homem que me conduzia me chamou novamente para prestar atenção em algo. Ele apontava para a parede da cela, mas eu ainda não conseguia ouvir exatamente o que ele dizia, não só pelo barulho lá dentro como pela minha repentina perda de

audição por alguns segundos. Ele apontou o dedo para uma lista de regras que eu deveria obedecer. Apontou também para outro homem, com uma aparência séria, dizendo que ele era o “Capa”, e que eu deveria obedecer a tudo que ele dissesse, sem questionar. Comecei então a ser introduzido no vocabulário e regras da cadeia. “Capa” significa o homem responsável pela cela, uma espécie de chefe, que concentrava consigo os suprimentos básicos da turma e era quem definia as regras de como proceder, o que podia e o que não podia, e que também tinha a função de cuidar do local. Todos, presos e inclusive os agentes, se orientavam por essa pessoa. Ele era “o cara” lá dentro. E junto a ele tinha seus auxiliares, os quais também tinham voz e comando lá dentro. Ao me mostrar a lista de regras, fiquei momentaneamente impressionado com a organização: tempo limite de 5 minutos para banho, lista de pessoas por ordem no banho, regras para urinar, para defecar, regras até mesmo para soltar gases, que só podia ser feito dentro do banheiro, jamais na cela. Eu não sabia se ria ou chorava, então comecei a rir das regras, o que parece não ter agradado ao Capa. Contive-me e continuei a prestar atenção em tudo. Regras para os pertences, regras para dormir, levantar, para ligar ou não a TV (sim, havia uma pequena TV velha em que só era possível ver metade da tela, pois a outra metade estava queimada). Várias e várias regras, todas bastante coerentes e achei inclusive muito organizado, até mais que muitos condomínios por aí. A questão é que elas funcionavam porque havia forte coerção, e não porque existia consenso ou cooperação voluntária entre os convivas. Num ambiente daqueles não funcionaria mesmo a democracia, tinha que ser ditadura, e bem rígida! Quem infringia alguma daquelas regras era severamente punido pelo Capa. Coisas como ter que passar a noite sentado no vaso sanitário e sem coberta, ou ser subtraído seus pertences, não poder mais usar o colchão, ficar sem comida e até mesmo ir para a “coberta”. Essa última punição consistia em ser envolvido em um cobertor e

espancado pelos seus auxiliares. Uma das regras, que achei muito interessante, dizia que os novatos tinham preferência na fila do banho ao chegar, ou seja, quem acaba de chegar na cela tem que ir direto para o chuveiro. Obedeci prontamente a ordem e fui para o chuveiro. Achei inclusive muito coerente, visto que a maioria chega imunda vindo de celas de cadeias de delegacias, no mesmo nível daquele chiqueiro em que passei a noite anterior. Eu estava mesmo imundo e o cheiro não devia ser bom. Entrei no banheiro e vi então uma pia quebrada com uma torneira de lavatório precária, um vaso branco chumbado com concreto ao seu redor (provavelmente para não ter acidente ou não ser usado como arma se fosse quebrado), um outro vaso ao lado, marrom, exclusivo para fezes e com a descarga quebrada, e uma paredinha onde ficava o chuveiro. Fiquei surpreso ao perceber que o chuveiro funcionava e saía um pouco de água quente. Tomei então um banho rápido com aquele pedaço de barra de sabão de lavar roupas, vesti novamente o mesmo uniforme que estava usando antes, enquanto dois outros colegas de cela usavam os vasos branco e marrom, cada um fazendo o que era definido nas regras. Ao sair do banheiro, um pouco melhor após o banho, voltei a ficar chocado com a quantidade de homens lá dentro. A cela então já havia sido fechada pelo agente penitenciário e todos os 63 homens estavam se espremendo lá dentro. Eu tentava, sem sucesso, encontrar algum lugar para ficar em pé sem que atrapalhasse, mas não tinha jeito. Nisto vem um rapaz e bate no meu ombro dizendo: “É assustador né? Mas calma, depois de alguns dias você vai se acostumar”. No meio daquele caos alguns outros puxavam conversa comigo e isso ia me dando algum alívio, pois em um ambiente aparentemente intimidador como aquele qualquer gesto de compaixão é bem-vindo, até mesmo um “oi” e um aceno com a cabeça já serve. Fiquei então de pé em algum lugar, quieto e tentando ser simpático na medida do possível, apesar da fraqueza, sono e enorme dor de cabeça que sentia. Fiquei preocupado em

primeiro lugar em fazer algum tipo de amizade ou não ser malquisto, pois eu não conhecia ninguém ainda. Aqueles 63 homens se espremendo e conversando alto, e aquela luz forte no centro só faziam minha angústia e dor de cabeça aumentarem. Encostei a cabeça em uma das bicamas, abraçando meu cobertor enrolado, e fiquei alguns segundos me apoiando para não cair de sono. Uma dipirona ou mesmo um lugar para sentar eram uma total impossibilidade naquele momento. Concentrei-me então em permanecer forte e lúcido por mais algumas horas até que a rotina mudasse. Ouço o “Capa” dizendo “quebra, quebra!”. Essa ordem era para que todos ficassem calados. Incrivelmente aquele caos cessou imediatamente. O Capa então ordenou que montassem a “Praia”. “Praia”, na gíria da cadeia, era o corredor no centro. À direita e à esquerda havia treliches, sendo o corredor do centro chamado de “praia”. Os novatos sempre dormem na praia, ou seja, amontoados nos colchonetes colocados no chão. Ou seja, o privilégio de dormir em uma cama era somente para os mais velhos de cela ou então doentes. Havia 30 “camas”. Era um verdadeiro privilégio dormir em uma delas. Por pior que fossem, ainda era infinitamente melhor do que dormir amontoados na “praia”. Como parece que tinham ido com a minha cara ou talvez pelo meu estado de cansaço, permitiram que eu dormisse mais ao fundo do corredor. Fiquei muito agradecido por esse gesto, pois seria muito, mas muito ruim mesmo dormir no corredor ao lado do banheiro. Naquela situação o “péssimo” era muito melhor do que o “horrível”, que por sua vez é ainda muito melhor do que o “abominável”. Já começam aí a mudar minhas noções de prioridade e conforto. Tenho certeza de que, se um preso mais experiente, com mais passagens pela prisão, lesse esse meu relato até aqui iria se derramar de rir, dizendo algo como “frango ou moçoila”, pois sei agora que o que os presos criminais enfrentam são pelo menos umas 50 vezes pior do que isso. Mas, para

um preso civil como eu, um “trabalhador pai de família”, isso era surreal de qualquer jeito.

Um dos auxiliares do Capa pede para que eu me deite no meio de outros dois homens, em “valeté”, um para cada lado do colchonete. Com muito custo consegui fazer o que ele me pediu. Percebi então que os colchonetes eram imundos, rasgados, com cheiro forte. Não havia lençol, nem mesmo travesseiros. Era somente aquele colchonete velho, e isso já seria um luxo naquela situação, pois me relataram que alguns tinham que dormir no banheiro, sentados nos vasos. Todos obedeciam prontamente a organização do Capa e seus auxiliares até que os 63 homens estivessem devidamente deitados. Não havia possibilidade de se mexer. Inclusive nas camas, muitos dormiam também de valeté, ou seja, dois homens por cama. As camas eram chamadas de “jegas”. Ter a permissão de dormir em uma “jega” era um privilégio luxuoso, uma vez que não era pisoteado durante a madrugada com o andar dos demais presos, que o tempo todo tinham que usar o banheiro. Ao fazer as contas, 63 homens urinando ou defecando durante a madrugada, seriam pelo menos 120 pisoteadas na praia, indo e voltando, sabe-se lá com os pés em que condições. Eu ficava deitado e literalmente o tempo todo tinha alguém pisando em minha cara. Já nem me preocupava mais com a precariedade da situação, apenas não queria que alguém acertasse meu nariz. A luz então é apagada e fica apenas a TV ligada. A ordem, após aquele horário, era de silêncio total. Incrivelmente todos obedeciam. Nessas horas eu até acho o sistema ditatorial melhor mesmo - funciona! Ao me ver deitado, um dos colegas de cela me aconselha “coloque o chinelo debaixo do colchonete onde fica sua cabeça, para servir de travesseiro”. Eu fiz isso. Mas dormir sem travesseiro colocava a cabeça numa posição muito ruim, principalmente fazendo a dor de cabeça aumentar ainda mais. O cansaço era tamanho que eu incrivelmente

adormeci. Talvez a palavra “desmaiar” seja melhor aqui. No meio da madrugada, acordo com um vento extremamente gelado entrando pela janela de grades da cela. Não havia como fechar, era apenas um vão aberto com grades. Tentei ajeitar o cobertor. Naquele momento o amontoado de homens era até uma vantagem, fazendo diminuir um pouco o frio. Percebi que a TV ficava ligada a madrugada inteira. Não era permitido desligar. Eu não entendia ainda o motivo. Muitos não conseguiam dormir, então a TV ligada na madrugada era uma forma de passarem o tempo. Tentei abstrair os flashes e vozes da TV e procurei pegar no sono novamente. A cabeça doía muito ainda e o cheiro do colchonete não ajudava.

De manhã, por volta de 7 horas talvez, ainda sonolento e com dor no corpo, ouço uma voz vinda da “jega” do Capa: “Quebrou a praia! Quebrou a praia!”. Era a ordem para que todos os que estavam dormindo no corredor levantassem e recolhessem os colchonetes no fundo da cela, liberando então a circulação. Os que estavam dormindo nas “jegas” podiam ainda ficar deitados até mais tarde. Fiquei então de pé, meio zozzo, procurando apenas ficar quieto em um canto para que os demais transitassem. Fiquei assim por uma hora talvez, apenas em pé e imóvel. A possibilidade de urinar, lavar o rosto ou mesmo tomar água era remota. Café ou algo para comer então nem passava pela minha cabeça. Nem lembrava que já faziam umas 40 horas que havia comido apenas uma laranja (aquela do policial) e um único copo d’água. Já deviam ser umas nove horas quando o agente penitenciário abre então o portão do pequeno pavilhão. Nisto o Capa ordena “Procedimento! Procedimento!”. Era a ordem de que todos ficassem calados e no fundo da cela para que o agente pudesse abrir a masmorra. Ele abre a cela e em seguida sai e fecha a porta de ferro do pavilhão. O Capa então libera todos para saírem da cela e finalmente respirar um pouco de ar do lado externo. Aquilo era realmente um

alívio, um momento em que o confinamento terminava e podíamos nos espalhar de algum modo na área externa, pegar um pouco de sol e combater o frio intenso da madrugada. Este era um privilégio somente da “Cela 1”, onde estávamos, pois as demais celas do complexo não possuíam área externa. Todos eram obrigados a ficar confinados 24 horas dentro da cela de 4x8. Pensei que esse privilégio era somente para os presos por pensão, mas não, foi apenas sorte minha ter caído naquela cela 1, pois as demais celas, fechadas, eram também de presos por pensão, e algumas mistas, onde presos por pensão se misturavam também com presos criminais em regime semiaberto. Novamente minhas noções de bom e ruim eram mudadas. Como antes, o “péssimo” era muito melhor do que o “horrível”, que por sua vez era ainda muito melhor do que o “abominável”. A cela 1 era péssima, mas nem de longe era ainda horrível ou mesmo abominável para os padrões carcerários. Isso dá um nó na cabeça da gente. De repente toda aquela situação horrível que eu já passara até ali ainda era muito melhor do que outras extremamente piores. Começamos a ter uma forte mudança de todos os conceitos que temos relativos à vida livre em sociedade. Quando o horror é colocado em nossa frente, qualquer coisa é melhor do que aquilo, até mesmo o insuportável se torna suportável. A privação de toda a dignidade nos faz achar bom o que antes seria inimaginável.

Na área externa, tento andar um pouco entre os homens, procurando algum rosto que fosse mais amigável para puxar alguma conversa. Vez ou outra alguém chegava a trocar algumas palavras, mas o status de “novato” me colocava numa posição bastante inferior no grupo. Então o melhor mesmo era procurar ficar quieto. Um barulho de ferro no portão e o Capa ordena: “Procedimento!”. Neste instante todos os detentos tinham que ficar no fundo da área, afastados do portão, com as mãos para trás e cabeça abaixada. Apenas

o Capa poderia ter contato com o agente penitenciário que abriria a porta de ferro. Era o café da manhã chegando. Alguns auxiliares do Capa então pegam duas garrafas térmicas, uma caixa com pães e fecha-se o portão. Forma-se então uma enorme fila em caracol. Cada preso, na sua vez, pegava um pão e uma dose pequena de café frio. Era somente isto mesmo: um pequeno pão seco e uma dose de café frio e sem gosto. Na minha vez, peguei aquilo e tentei ficar agachado em algum lugar perto do muro, onde havia sombra. Eu realmente daria tudo por um copo cheio de café quente, mas aquela água escura e fria era a única coisa no momento. Aos poucos fui retomando a consciência de mim mesmo e procurei então finalmente jogar uma água no rosto e até mesmo escovar os dentes. Havia um tanque no lado externo, onde os detentos podiam lavar suas roupas. Percebi então que não haveria troca de roupas por parte da penitenciária. Se quisesse roupa limpa, teria que lavar a minha própria, mas o problema era que eu só tinha aquela do corpo. Mas de todos os problemas, este era o menor deles naquele momento. Nas tentativas de conversas eu procurava entender as regras, as rotinas, ouvia alguns casos e contava o meu também. Todos ficavam assustados quando me perguntavam “quantos dias você pegou?” e eu respondia “90 dias”. O olho arregalado e a expressão de dó para comigo devia ser um sinal de que eu estava mesmo numa péssima situação. A maioria ali tinha pegado 30 dias, ou 45 dias. Alguns poucos 60 dias. Somente eu e mais um homem tínhamos sido sentenciados com longos 90 dias. O homem que pegou 90 dias já estava ali a 64 dias, com uma cara de cansado e como se já fosse um veterano de cadeia, embrutecido.

De fato, na prisão, cada dia parece equivaler a 30. A experiência é tão intensa e o tempo corre de forma tão diferente que quem nunca passou por isso não vai entender. Não é apenas o cerceamento de sua liberdade civil, é uma completa privação de tudo

que é básico na vida, ausência de qualquer dignidade, humilhações constantes e sistemáticas, privação de sono, de alimento, de qualquer proteção térmica inclusive. Você é literalmente moído pelo sistema prisional. Aquilo foi feito de forma intencional para que você seja humilhado e castigado o tempo inteiro. Você tem que saber que está preso, não pode ter qualquer conforto civil para que não se acostume com aquilo ou até mesmo venha a gostar. A comida então, é horrível e sem tempero. E olha que eu como qualquer coisa, nunca fui exigente com nada, mas aquilo que é servido é feito daquela forma ruim intencionalmente. Você é o tempo inteiro lembrado pelo sistema de que é um preso, um pária da sociedade, um excluído. O tratamento que lhe dão, as ordens, regras, procedimentos, horários. Tudo te oprime!

Uma nova ordem de “procedimento” é emitida pelo Capa. Todos vão imediatamente para o fundo da área. A porta de ferro abre-se e o agente começa a chamar os que vão trabalhar. Eu já havia perguntado a alguns como funcionava aquilo, mas com toda aquela confusão, não tinha entendido. Queria muito sair e ver o ambiente lá fora e fiquei apavorado pensando em como entrar na turma que estava já terminando de sair. Entrei naquela fila sem saber ao certo o que fazer e fui no fluxo. No caminho ia perguntando a alguns como funcionava. Explicaram que eu poderia trabalhar em algumas atividades. Faxina, horta, jardinagem, serralheria, fábrica de blocos, pedreiro. Eu sempre fiz de tudo, então qualquer dessas atividades eu me sairia bem. Tentei então entrar para a turma da horta, pois me pareceu algo mais familiar para mim. Felizmente, um senhor muito educado, o “seu Márcio”, me deu orientações e disse que eu poderia descer com ele e os demais da turma da horta. Pegamos então algumas ferramentas no almoxarifado: duas enxadas, uma pá, um rastelo e um carrinho de mão. Sim, presos internos andando pelo local com ferramentas que poderiam

facilmente matar alguém. Mas, teoricamente, todos naquele espaço eram presos “tranquilos” e sempre vigiados pelos guardas. Muitos assassinos circulavam pelo local, mas todos muito “tranquilos”, pois estavam em “processo de ressocialização”. Não sei se isso era um conforto. Parei de pensar naquilo e peguei uma enxada e descemos para a horta. Incrivelmente o ambiente era agradável, uma bela horta com canteiros bem cuidados, tudo muito bonito, verde, organizado. A 60 dias atrás era tudo sucata e bagunça. Quem havia feito esse verdadeiro milagre eram justamente o senhor Márcio e o senhor Carlitos, dois homens inteligentes e educados, de aproximadamente 60 anos de idade, também presos por pensão alimentícia, já ali há muitos dias. Foram me apresentando, muito orgulhosos, a bela horta e tudo que os dois haviam feito naquele curto espaço de tempo. Enormes pés de couve, todos estaqueados e amarrados com restos de panos de camisetas de detentos, canteiros muito bem-feitos e adubados, lindos canteiros de cebolinha, alface e uma variedade enorme de hortaliças. O trabalho era sempre voluntário, nenhum dos detentos ganhava qualquer benefício por isso a não ser o enorme benefício de passar o dia fora da cela. A ideia de passar 24 horas dentro da cela era algo inimaginável para mim, então tratei de mostrar serviço na horta da melhor forma possível. Felizmente o senhor Carlitos gostou da minha boa-vontade e me colocou para fazer várias tarefas junto dele. Ele era um homem de média estatura, cabelos brancos, um aspecto de bom avô, bom homem, muito polido, inteligente e educado. Ficava pensando comigo mesmo: como este homem veio parar aqui, ainda mais nesta idade? Não sabia se isso me confortava, por saber que outros homens também passavam o que eu estava passando, ou me assustava, ao pensar que numa idade daquelas, já quando a vida deveria estar mais calma, ele, um homem cortês de cabelos brancos e cara de avô, estava sendo oprimido fortemente em uma penitenciária.

Entre uma atividade ou outra eu perguntava a ele sobre sua situação e ele fazia o mesmo comigo. Trocávamos experiências e lamentos, mutuamente nos revoltando com o sistema judiciário e ao mesmo tempo nos consolando. A revolta contra a atual lei da pensão alimentícia era o que mais se falava entre todos. O que a princípio seria uma lei positiva e que buscava justiça para que pais irresponsáveis não deixassem seus filhos e ex-mulheres desamparados, tornara-se mais uma ferramenta de vingança e punição por parte de mulheres rancorosas e filhos ingratos. De fato, muitos daqueles presos pela lei da pensão alimentícia não estavam ali porque as mães ou filhos precisavam de dinheiro para seu sustento, e sim porque os mesmos queriam vingança e punição contra o marido ou próprio pai. Vingança, punição e muitas vezes verdadeiras extorsões. Muitos dos presos com que conversei deviam valores equivalentes a carros zero quilômetro ou mesmo apartamentos inteiros! E o pior é que era difícil de compreender como um homem, por exemplo um dos pedreiros, que recebia dois salários-mínimos mensais, chegava a ter dívidas de 60 mil reais! Era literalmente uma dívida impagável para muitos daqueles homens com suas baixas rendas! A única coisa que lhes restava era realmente pagar a pena na prisão, mesmo que suas ex-mulheres e filhos nunca recebessem o imponderável valor. As mulheres e filhos e até mesmo o juiz que os julgava e que executavam os pedidos de prisão já sabiam que não iriam receber isso nunca, mas mesmo assim infringiam aos pais a pena pelo motivo único de vingança e punição. A lei era usada com mecanismo perverso, até mesmo para afastar os pais dos filhos e alimentar ainda mais o abismo entre eles. Verdadeiras alienações parentais apoiadas pela lei e pelo judiciário.

É claro que ninguém ali era santo ou isento de alguma culpa. Mas a dor e o sofrimento infringido àqueles homens era algo cruel e perverso, sem nenhum mecanismo de melhora das situações.

A prisão por pensão alimentícia só faz agravar ainda mais a situação financeira daqueles homens e retroalimentar a engrenagem perversa do sistema. Ou seja, vão para a cadeia por estarem em situação financeira difícil, saem dela com a situação ainda mais agravada, o que os faz voltar novamente para a cadeia, e assim por diante. Todos saem perdendo: o pai, a mãe, os filhos e a sociedade. A mãe, num primeiro momento, pode achar que levou vantagem com o dinheiro recebido, mas somente tornou o que era precário ainda mais sensível, prejudicando em última instância os próprios filhos, que vão tendo cada vez mais um pai cansado, esgotado, magoado e financeiramente declinante, obrigado a trabalhar ainda mais e dar ainda menos atenção aos próprios filhos. Em meio à essas conversas frequentes entre nós presos, esse era um consenso. Uma revolta contra uma lei que só existe aqui no Brasil e que precisava urgentemente ser revisada e melhorada, a fim de evitar essas distorções e promover o bem e não agravar o mal.

O senhor Carlitos, por exemplo, contou-me sua história enquanto cuidávamos de buscar mais esterco para o novo canteiro de alface que ele estava preparando. Havia três anos que não conseguia ver seus filhos, segundo ele, porque a ex-mulher o sabotava, dificultando ao máximo que ele pudesse se aproximar dos dois filhos, um rapaz de 15 anos e uma jovem já maior, de 23 anos. Segundo ele, a pensão destinada ao filho de 15 anos estava sendo paga normalmente. O motivo de ele estar ali era porque a filha, já maior, e incentivada pela mãe, entrou com um processo contra ele por conta de um período de muitos anos atrás em que ele ficou sem pagar pensão, pelo prazo de um ano, enquanto passava por dificuldades financeiras. Vou repetir muitas vezes nestes escritos a palavra “perplexo”, pois não há outra que possa expressar melhor. Fiquei perplexo com sua história, principalmente por saber que era possível que filhos processassem os pais retroativamente. Perplexo também

em ver a crueldade da filha, jogando o pai já velho em uma prisão humilhante. Nem pensei no mérito da questão. Apenas fiquei tomado de compaixão e perplexidade de como a mágoa e a falta de perdão podem aprisionar famílias inteiras, seja com grades ou não (o rancor também aprisiona). Ao perguntar sobre o montante de sua dívida, ele abaixava a cabeça e dizia em voz trêmula: 350 mil reais. Eu, assustado com o exorbitante valor, perguntei a ele “como o senhor vai pagar isso?” e ele apenas dizia “é impagável, não tem como, vou ter que ficar aqui os meus 90 dias determinados”. Eu fiquei angustiado por ele. Era uma confusão de sentimentos, pois ao mesmo tempo em que me compadecia com sua história, servia também de consolo para com a minha, que naquele instante parecia infinitamente melhor do que a dele. Esse era um dos lados positivos de toda aquela situação, pois servia também como terapia de grupo, troca de experiência, lamentos e consolações mútuas. Eu cheguei ali pensando que tinha um problema grave e, na imensa relativização das coisas que aconteciam o tempo inteiro naquele lugar, o que antes era uma questão de muita tristeza, dava lugar à compaixão com outras histórias ainda muito mais trágicas que a minha.

Continuávamos a conversar e ele me contava que havia chegado na prisão em estado de total desolação, decepção e falta de forças para tudo na vida. Contava inclusive que, antes de ser encaminhado para esta unidade prisional, havia ficado oito dias seguidos em uma cela de cadeia comum (aquele mesmo chiqueiro que eu fiquei) preso com mais outros seis criminosos, literalmente esquecido naquele lugar. Por vezes, os agentes da polícia civil fazem isto: deixam os presos lá por dias, até que se animam a transportarem os indivíduos para os devidos presídios. Eu não conseguia sequer imaginar uma situação dessas. Um senhor de 60 anos, cabelos bancos, um homem polido e trabalhador, um contador consolidado e

respeitado em sua área, esquecido em uma cela comum, sem água ou comida e junto com outros seis criminosos. Não dá para dormir ou sequer respirar num ambiente desses! Eu não sabia se o consolava ou se me revoltava com aquilo tudo. Fiquei pensando como essas crueldades podem existir, uma vez que, mesmo sem entender de leis ou processos, tudo aquilo me parecia ilegal ou arbitrário. Mas pude entender como essas coisas acontecem quando estamos cansados, esgotados, desmotivados a nos defender. Senti isso na pele. Muitas vezes nós, pais, somos vencidos pelo cansaço, já que a lei e o judiciário são totalmente voltados para as mulheres e muitas vezes acaba promovendo injustiças. Para o judiciário, a sensação que temos é que a mulher está certa até que se prove o contrário, enquanto o homem está errado até que ele prove o avesso. O cansaço acaba fazendo com que muitos pais desistam de tentar ficar perto dos próprios filhos, desistam até mesmo de se defender ou buscar seus direitos. Muitas mulheres acabam usando o sistema justamente para anular a figura paterna. Tudo dentro da lei, mas de forma sistemática, fria e cruel. Eu já tinha percebido que muitos advogados adoram pegar a causa da mulher e, ao contrário, não ficam muito motivados ao pegar a causa do homem. Ao defender a mulher ele tem toda a máquina a seu favor, enquanto ao defender o homem ele já sai perdendo na largada. Na conversa comentei com o senhor Carlitos que nós, pais, deveríamos ter uma associação ou entidade que nos defendesse. Toda categoria hoje em dia se une para ter voz e direitos: mulheres, negros, índios, gays, operários, servidores públicos etc. Mas nós, homens, temos a péssima mania de tentar resolver tudo sozinhos, não nos damos o direito de sermos fracos ou pedir ajuda. É justamente por isso que aberrações continuam acontecendo, não temos representatividade e somos taxados sempre de vilões.

Aquele trabalho da horta, segundo o senhor Carlitos, o havia restaurado. Depois do estado deplorável em que tinha chegado na prisão, dia a dia, com forças das quais não sabia de onde, o objetivo de restaurar a então degradada horta era a única coisa que o motivava a sair da cela. Com o passar dos dias e com o trabalho inteligente e muito carinhoso que estava fazendo, ganhou então o respeito dos agentes, que o forneciam todos os materiais e ferramentas necessárias. Todos os suprimentos como mangueiras, mudas, esterco, sombrites, sementeiras etc. eram dados a ele. E como não faltava mão de obra voluntária, muitos outros detentos o ajudavam nas tarefas. Isto transformou por completo a paisagem daquele lugar! A primeira impressão que tive quando cheguei e dei de cara com aquela enorme e bem cuidada horta foi de que eu estava entrando em um lugar de muito afeto e não em uma prisão. Incrivelmente a dor e ao mesmo tempo o amor de um homem transformou a vida de muitos naquele lugar.

Terminamos então de montar o canteiro de alface e em seguida chega a kombi branca com as marmitas. Este era o momento de recolher as ferramentas pois logo em seguida os agentes penitenciários iriam nos ordenar a voltar para a cela. O senhor Carlitos gentilmente continuava a me orientar sobre os procedimentos. Eu perguntei a ele onde era o banheiro externo, pois não havia me aliviado nos últimos 2 dias. Ele apontou o local e fui caminhando pela rua principal. Tinha esquecido dos procedimentos e estava caminhando com as mãos soltas, o que era proibido. Ao ver um agente lembrei-me e logo abaixei a cabeça e coloquei as mãos para trás, enquanto caminhava até o local. Era um banheiro normal, não estava imundo, mas não tinha papel. Voltei então para a horta, desapontado e com o ventre apertado. Disse para o senhor Carlitos que eu não tinha papel e que a vontade tinha passado. Para conseguir papel higiênico

era preciso uma autorização do responsável pelo estoque. Como eu ainda estava no status de novato, a ideia de travar o ventre era mais fácil do que tentar conseguir papel. Afinal, não havia mesmo comido quase nada nas últimas 48 horas a não ser uma laranja, um pão seco e uma dose de café. Fomos então almoçar. Era preciso nos recolher em cela. O Capa ordena então “procedimento!” e todos vamos para o fundo. O agente penitenciário abre e solicita que os auxiliares do Capa peguem as caixas com as marmitas. Seria o meu primeiro almoço no local. Todos formamos a mesma fila em caracol como antes e um a um vamos pegando uma marmita de isopor branco e, com nossa caneca azul, pegamos também um pouco de um líquido vermelho sem gosto. O pessoal, em tom de brincadeira, apelidava aquele suco de “o broxante”. Como a bancada de concreto já estava lotada, eu e a maioria dos outros presos tínhamos que nos sentar no chão mesmo. Eu nunca liguei para isso, como em qualquer lugar, mas naquela situação era realmente humilhante. Ao abrir a marmita vejo muito arroz branco e empapado, um pouco de feijão por cima e para acompanhar três pedaços de batata doce. Depois de dois dias sem comer, pensei que aquilo estava ótimo, quando então senti o cheiro de nitrato e uma total ausência de sabor da comida. Não havia qualquer tempero nela, nenhum sal. Nada tinha gosto. Apesar da fome, não dava vontade de comer. Curiosamente a fome passou na mesma hora. Mas eu sabia que tinha que me alimentar para aguentar o trampo e, mesmo sem vontade, fui dando uma colherada atrás da outra, pensando unicamente na nutrição do corpo. Afinal, após descer pela garganta, arroz é arroz de qualquer jeito, seja ele gostoso ou não. Surpreendentemente eu comi toda a marmita, que era grande. A regra era que, após comer, cada um devia lavar a marmita e acondicionar uma após outra de cabeça para baixo no mesmo local, a fim de condensar o lixo e não gerar mal cheiro. Achei essa regra muito inteligente e coerente para a situação. Quanto menos restos de

comidas e menos cheiros, menor a possibilidade de insetos e ratos. Comecei a perceber como o papel do Capa era de suma importância para o grupo de cela. Sem um Capa forte e decisivo, o grupo sofreria ainda mais. Felizmente o nosso Capa era um ex-presidiário com passagem criminal, mas que naquele momento estava ali somente por pensão alimentícia, já tinha cumprido sua pena anterior. Ele já havia estado em um presídio padrão e sabia muito bem de todas as duras regras da cadeia e da disciplina necessária. Vejam só como a relativização acontece o tempo inteiro neste lugar. Ter no meio de nós um presidiário experiente é uma vantagem neste momento, um fator muito positivo inclusive. Compreendi então o motivo de nosso grupo da cela 1 ser tão organizado, relativamente higiênico e bem coordenado. O Capa realmente sabia o que fazer e sabia principalmente impor respeito. Em um dos momentos mais marcantes que passei, um dos colegas de cela, um andarilho e “noiado”, magro e de olhar fundo, aparentando ter mais de 40 anos e bastante encurvado, foi acusado de roubar uma toalha e uma camiseta de outro colega de cela. Houve então um “tribunal” lá dentro e o tal homem foi julgado culpado pelo “crime” de roubo da toalha e camiseta, visto que foram encontradas dentro de sua sacola, prova irrefutável do tal delito. A pena, prontamente explicada em voz alta pelo Capa, era que aquele homem seria obrigado a dormir no “boi” naquele dia, sem permissão de usar sua coberta, e que ainda passaria o resto de sua pena dormindo somente na “praia” e perto do banheiro, um dos piores lugares para se passar a noite. O “boi” era a gíria usada para se referir ao vaso marrom, destinado somente a fezes. Dormir no “boi” era uma pena bastante rígida, principalmente sem poder usar sua coberta, visto que as madrugadas estavam muito frias naquele final de maio, beirando a uns cinco graus nos piores momentos e com vento bastante gelado por estamos em uma região rural remota e cercada de água. Todos os demais ficaram sensibilizados e assustados com a

determinação do Capa que, até de certo modo gentil e educado, explicou a aplicação da pena ao ladrão de toalha. Falava calmamente para todos em silêncio e sendo bastante didático, coercivo e pedagógico. Ele explicava que um crime grave como este, o de roubar pertences de outro colega de cela, era passível até mesmo de “coberta”, ou seja, um procedimento onde jogam uma cobertura em cima do preso e o espancam por algum tempo. Sendo assim, a pena de dormir no “boi” era uma demonstração de ponderação por parte dele. Ninguém ali ousou questionar aquela decisão do Capa. Passados alguns minutos, um dos presos com mais tempo de casa sugeriu ao Capa que, por misericórdia, deixasse que o tal homem usasse pelo menos a cobertura, visto o enorme frio da madrugada. Começou então um murmurinho de concordância geral. Então o Capa acatou o pedido e, num ato de bondade, deixou o homem levar sua cobertura para o banheiro, enquanto passaria a noite sentado sobre o vaso fétido tentando proteger-se do frio. Curiosamente, depois de um tempo, o Capa disse a todos que aquilo era uma medida necessária, mas que não devíamos de forma alguma discriminar o colega infrator após ele pagar sua pena. Deveríamos o acolher e dar tratamento igual como sempre foi. Neste instante me dei conta de mais uma relativização. Não sabia o que pensar. Se o nosso Capa era um homem bom ou ruim. No final daquela reflexão, julguei por mim mesmo que ele era competente em sua função, tinha plena noção de compaixão e que, no final das contas, o grupo era bom porque ele era competente e inteligente em sua função. Senti-me bem em ser subordinado a ele, que havia se tornado quase uma figura paterna para muitos em meio àquele caos. Realmente ele se esforçava muito para manter o grupo em boas condições, através de regras fortes e atividades de limpeza, organização, priorização de recursos e espaços, ordens de silêncio e debatendo constantemente as questões do grupo. Havia um que tomava conta da lista de banho e organizava a fila do chuveiro, outro

que cuidava dos suprimentos de remédios, dentre eles a tão preciosa dipirona, outro que cuidava da limpeza do banheiro, outro dos panos, outro das anotações, outro do recolhimento do lixo, outro da montagem da praia, outro da organização da secagem das roupas... Como éramos muitos homens em um local de espaço limitado, a secagem das roupas era realmente complexa. Se não fosse bem-organizadas, as muitas peças de roupas, todas vermelhas e iguais, seriam confundidas, trocadas, toalhas perdidas ou mofadas etc. Em alguns casos, presos mais “espertos” pegavam roupas limpas de outros colegas no varal. Por isso a dica que muitos me passaram era de que eu colocasse as iniciais de meu nome em meus pertences. Foi então que consegui uma caneta com o Capa e marquei minha única blusa e short. Foi um ato automático e sem pensar, pois, afinal, eu só tinha mesmo aquelas duas únicas peças, nunca seriam lavadas ou iriam para o varal. Sempre estariam no meu corpo, mesmo banho após banho. Neste instante lembrei de que eu já estava com aquela mesma roupa há umas 50 horas, talvez o cheiro não estivesse bom, mesmo que eu não conseguisse distinguir meu odor dos demais naquele amontoado de homens trancados e se cotovelando no meio da cela. Não seria nada agradável para meus dois colegas de colchonete ao lado caso eu estivesse fedido. Tive então a brilhante ideia de usar meu pedaço de sabão branco e passar em baixo do braço. Eu não tinha nenhum desodorante, isso era privilégio de poucos ali. Aproveitei e passei também o mesmo sabão um pouco sobre a minha camiseta e também no short, na tentativa de trocar o cheiro de suor por um cheiro melhor de sabão. O cheiro daquele sabão de barra que, na vida normal, seria ruim e cáustico, naquele lugar era como um verdadeiro perfume importado. E tome relativização! Aos poucos fui criando laços com alguns, cuja conversa fluía de forma mais natural. De forma geral, todos ali se olhavam e se relacionavam como próximos. Havia um sentimento de irmandade, afinal, estávamos todos no mesmo barco,

obrigatoriamente dividindo cada centímetro quadrado daquela cela, compartilhando nossas desilusões e nossas queixas. Não sei se trágico ou cômico, mas todos ali pareciam ter um mesmo “inimigo” em comum: a ex-mulher. Mas como diz a literatura de guerra, uma das formas de unir um grupo é elegendo um inimigo em comum. Foram muitos e muitos momentos de verdadeiras gargalhadas, um gozando a cara do outro, cada um caçoando o outro por suas desventuras familiares e conjugais. O que era trágico na vida de cada um, naqueles momentos, paradoxalmente, era cômico e causava verdadeiros momentos de prazer e alegria. Afinal, como é bom rir no meio de um lugar como aquele. Era literalmente um porco sujo falando do mal lavado. Coisas como “cala a boca e vai pagar sua pensão”, ou “tira esse sorriso do rosto rapaz, você tá é preso!”, ou “vai casar e fazer menino, vai”, eram apenas algumas das chacotas que o tempo todo um fazia com o outro. E o incrível é que, 48 horas depois, eu havia passado de um mero novato na turma para um verdadeiro membro do grupo, já havia feito laços de amizade com alguns e conseguido melhor acesso a todo o grupo. Já conseguia, inclusive, pedir um copo de água para os auxiliares do Capa e até mesmo uma dipirona consegui tomar, antes de passar mais uma noite na praia. Uma dipirona naquelas condições era um privilégio. O auxiliar do Capa foi até muito bacana comigo, permitiu que eu tomasse duas tampinhas cheias!

Os dias na prisão são muito intensos e realmente cada dia equivale a uns 30 aqui fora. Se eu já estava lá há dois dias, então era como se já estivesse há dois meses com o grupo e, como preso tem tempo de sobra, são muitas e muitas conversas, trocas de experiências, revoltas e consolos mútuos. É bastante compreensivo que, numa situação dessas, o sentimento de grupo é formado com uma rapidez e uma intensidade incríveis. Em dois dias é possível formar laços de amizades e companheirismos que levaríamos anos na vida civil,

sempre apressada e sem tempo para as relações humanas. Fico pensando como a vida civil normal muitas vezes gera pessoas solitárias e depressivas, enquanto a comunidade penitenciária gera laços fortes e pessoas intensas. Mais uma vez a relativização e o paradoxo da prisão. Agora posso entender como a opressão de muitas classes sociais pode gerar irmandades e fraternidades com laços profundos e conectados. Deve ser por isso que as favelas são tão unidas, o narcotráfico prospera nesses lugares e os criminosos se entendem tão bem no caos das penitenciárias. É uma sociedade paralela que se forma e tem suas próprias regras, linguagem, usos e costumes. Fico pensando, do ponto de vista da relação humana, os paradoxos entre ricos e pobres. Os ricos, muitas vezes solitários em suas mansões e suas relações sociais superficiais e interesseiras, e os pobres, aglomerados em suas comunidades, com suas relações próximas e viscerais, formando uma grande irmandade nivelada por suas condições de escassez e a necessidade intrínseca do grupo. Mas essa reflexão é de difícil entendimento. Somente quem já experimentou e viveu os dois lados para compreender a profundidade disto.

Neste dia, tive a sorte de alguém me dar uma sacola de pano vermelho com alça, feita pela turma da costura com restos de tecido de uniforme. Havia uma turma que trabalhava na costura e, felizmente, a maioria era da minha cela. Eles sempre traziam algum resto de tecido ou mesmo até estas sacolas de pano, o que era muito útil. Como não há espaço e nem qualquer centímetro sobrando, os poucos pertences que eu tinha ficavam enrolados no cobertor, mas era fácil cair e perder. Já havia perdido minha colher e só reparei isto na hora do almoço. Na pressa, peguei uma que estava caída no chão embaixo de uma das “jegas”. Fiquei com medo de ser recriminado pois eu não sabia de quem era. Poderia ser taxado de ladrão. Então, após o almoço naquele dia, fui até o Capa e comuniquei o fato. Ele disse que

estava tudo bem e foi bom o ter comunicado. A partir deste dia copieei a ideia de um outro preso, que fez uma trança com resto de pano e amarrou a colher na caneca, para não perder. O medo de perder seus poucos pertences era grande. Aquilo era questão de sobrevivência mesmo. Peguei tudo que tinha e coloquei então na bolsa de pano vermelho que havia ganhado: um pedaço de sabão de barra, uma caneca e uma colher, minha escova de dentes, uma pasta de dentes e um pedaço de toalha que também me deram depois. Juntei também dentro da sacola outro presente: uma blusa usada por outro preso que havia saído no dia anterior. Neste momento eu já tinha o luxo de duas blusas, mas não conseguia usar a outra devido ao cheiro forte. Preferia ficar com a minha mesmo, ainda que não a trocasse após o banho. A sensação de segurança com minhas poucas coisas era enorme, mantendo aquela bolsa alçada ao pescoço e com tudo que precisava sempre à mão. Muitos faziam o mesmo, andavam o tempo todo com essa sacola no pescoço. O mais difícil era conseguir colocar a toalha para secar. Neste dia eu tive que enrolá-la molhada mesmo, e guardar na sacola, pois enquanto eu tomava banho a cela foi trancada, não dava mais para pendurar lá fora. No primeiro dia eu não tinha nada além do chinelo para apoiar a cabeça ao deitar, já agora eu teria a minha sacola, mas a toalha molhada dentro dela provavelmente não seria um bom travesseiro. Felizmente, durante o almoço, eu tinha tido a grande ideia de pegar no lixo umas oito marmitas de isopor, colocando uma dentro da outra e amarrando com uma sacola plástica, que encontrei também no lixo, para servir de travesseiro. Coloquei então aquela sacola com as marmitas embaixo do colchonete, que ficou um pouco elevado, mas ainda assim ficava com a cara literalmente no chão. Mas já foi melhor que no dia anterior. Naquelas condições minha meta era melhorar um pouco a cada dia, conseguindo uma coisa aqui e outra ali, montando meu próprio kit de sobrevivência. Fiquei com verdadeira inveja ao ver o colega ao lado ostentando um

pequeno e macio travesseiro vermelho. Perguntei a ele onde havia conseguido aquilo e ele me disse que trabalhava na costura, então pegou um resto de pano de uniforme e fez o recheio com resto de coberta velha. Ficou muito bom! A turma da costura era realmente cheia de recursos. Eram eles que eventualmente desviavam furtivamente alguma peça de roupa para a cela, e também traziam farrapos e restos que eram muito úteis para amarrar as cobertas, fazer varal, e até mesmo redes! Sim, entre algumas treliches, eventualmente, havia uma pequena distância de uns 50 centímetros. Nestes vãos os presos trançavam os farrapos fazendo uma espécie de rede suspensa, o que era bastante confortável para o padrão do lugar. Eu tinha até comentado com um colega que trabalhava na serralheria da possibilidade de nós mesmos fazermos algumas melhorias na cela, mas acabava virando chacota, algo como “tá querendo conforto demais, você tá é preso!” e acabávamos rindo. Realmente não seria difícil fazer muitas melhorias na cela, como fazer mais camas, colocar um chuveiro extra, fazer bancos dobráveis, e outras coisas mais, mas, apesar de possível, viável, barato e voluntário, parecia que não havia interesse do sistema em permitir isto. Passei a compreender que, o sofrimento e a precariedade, não só existiam como algo normal, como também eram desejados pelo sistema prisional. Preso não pode se sentir confortável na prisão, senão acaba gostando. É preciso opressão e humilhação o tempo todo mesmo.

Ao contrário da noite anterior, que eu estava realmente esgotado por ter passado a noite pregressa em pé a madrugada inteira na cela da cadeia da polícia civil, nesta noite eu não estava tão cansado, e isso resultou em uma longa e dolorida noite. É incrível como uma simples dipirona pode ser tão importante e tão difícil nessas horas. A dor de cabeça era muito forte, tanto pelo estresse quanto pela falta de ingestão de água e também café. Eu

sempre tive o costume de tomar muito café. A falta dele gerava muitos sintomas, sendo o mais desagradável a dor de cabeça noturna. Ficava imaginando então os fumantes, que também sofriam bastante pela abstinência. Muitos, desesperados por cigarro, enrolavam folhas secas caídas das árvores em papéis de caderno para fumar. Mas claro que alguns privilegiados conseguiam, no tráfico interno do presídio, alguns cigarros e até mesmo canabis.

Espremido em um colchonete de 70 centímetros com mais dois outros presos, procurava alguma posição que doesse menos, mas sem sucesso. Não ter um travesseiro também aumentava a tortura. Aquele travesseiro feito de marmitta não funcionou bem. Levantar-me para ir ao banheiro ou mesmo conseguir um copo de água era algo fora de questão. Não tinha como mexer, quanto mais caminhar e pedir coisas. Mas o cansaço acabava batendo e vez ou outra cochilava. Finalmente o dia chega e a ordem do Capa “Quebrou a Praia!”. Era para todos se levantarem e amontoar os imundos colchonetes no final da cela. Lembrando sempre da relatividade neste local, dizer que os colchonetes eram imundos não é necessariamente algo ruim. Ruim mesmo era se estivessem podres, úmidos e com ratos. Por isso mesmo o Capa tinha o procedimento de, todos os dias, colocar estes colchonetes da “praia” no lado de fora para tomar sol. Mais uma prova da competência dele para sua importante função. Em um dos dias, a boia da caixa d’água deu problema e o “ladrão” (sem trocadilhos!) ficou jorrando água em nosso pequeno pátio, o que causou muita umidade no local e afetou os colchonetes também. O problema só foi resolvido no final do dia. Um dos agentes gritou no portão perguntando se tinha algum encanador na turma. Entre nós havia homens de todas as profissões que se desejasse. Um dos homens, um senhor que devia ter seus 58 anos, se prontificou em consertar. Era muito curioso ao perceber a média de idade da turma

dos "devedores de pensão". Fiquei muito perplexo ao constatar que, a grande maioria, já passava dos 50 anos. Muitos com mais de 60. Até mesmo um senhor muito idoso, que aparentava uns 70 anos pela sua condição precária, magro, cabeça branquinha, rugas e dificuldade para falar e andar, estava lá. Certamente era o mais velho da turma. Eu ficava pensando em como um homem de 70 anos pode ir parar em uma situação opressora daquelas por motivo de pensão alimentícia. Isso com certeza era mais uma aberração promovida pelo judiciário míope e negligente! Ficava pensando como uma ex-mulher ou muitas vezes os próprios filhos já maiores tinham coragem de fazer aquilo com um pai. Ou mesmo pior, como um juiz de direito, sentado confortavelmente em sua cadeira e tomando seu cafezinho, poderia cometer um ato de crueldade e desproporção como aquele. Infelizmente, pelo que vi, essas aberrações acontecem com muita frequência, promovidas pelo nosso decadente sistema judiciário. Aquele senhor caminhava com tanta dificuldade que todos pensavam que ele poderia morrer ali mesmo, a qualquer momento. Ele não conseguia nem falar direito, apenas tossia. Felizmente, por compaixão, a turma havia cedido uma "jega" pra ele. Quando fui pego em casa pelos agentes da PM, senti muita vergonha de, aos 46 anos de idade e já passado por muitas lutas, passar agora por essa humilhação. Mas, quando entrei naquela cela, e vi a grande quantidade de homens mais velhos do que eu, fiquei muito angustiado e ainda mais apreensivo. Pensava em como deveria ser deprimente, para homens já velhos e cansados da vida, em um momento de aposentadoria e diminuição de ritmo, ter que passar por algo tão humilhante. Havia poucos jovens. Talvez uns 10% abaixo dos 30 anos. A maioria estava na casa dos 40 até 60. Muitos relatavam que, durante a Pandemia de 2020 e 2021, tiveram grandes problemas financeiros, muitas vezes sem trabalho ou mesmo fechando seus negócios. Isso resultou na dificuldade de honrarem os valores de pensão que tinham permanecidos fixos e

muitas vezes altos, durante a pandemia, enquanto suas rendas haviam decaído. Naquele local eu encontrei homens que não imaginava encontrar ali. Pasmem: Médico, Dentista, Empresário, Contador, Professor (eu), Lojista, Engenheiro, Cantor, Pastores e até mesmo dois Advogados. Sim, havia dois advogados presos na mesma cela que eu. Fiquei perplexo e pensei: se homens com recursos como estes ou mesmo advogados podem estar ali, então tem algo errado. Em nossas conversas e ouvindo suas histórias, era um consenso entre todos que a Lei da Pensão Alimentícia provocava grandes distorções e estava sendo usada muitas vezes como instrumento de vingança, punição, pressão e extorsão. Foram muitos os casos em que ficava claro que o objetivo de suas prisões não era prover alimentos e recursos para os filhos, e sim serem simplesmente punidos através de uma lei torta, advogados oportunistas e um judiciário tendencioso. Um desses homens era o senhor Carlitos, aquele que fizera aquela grande mudança na horta. Ele era um empresário de renome em sua área de contabilidade, de família tradicional e com recursos. Ele comentou que sua dívida de pensão alimentícia estava na casa dos 350 mil reais! Para ele, que após tantas decepções com o divórcio, a sabotagem e alienação parental promovida pela mãe dos filhos e as dificuldades de toda a crise econômica dos últimos anos, esta dívida era impagável. Muitos homens como ele acabam ficando cansados depois de um divórcio longo e doloroso, com saídas enormes de recursos em batalhas judiciais desiguais, alienações parentais, diminuição do padrão de vida e adoecimentos, principalmente depressão e ansiedade. O conjunto desses fatores leva o homem a ter grandes dificuldades em manter a pensão alimentícia, muitas vezes definidas olhando um padrão de vida antes do divórcio. É evidente que, após o divórcio, o padrão de vida de todos acaba caindo. Mas o sistema judiciário acaba obrigando os pais a arcarem com uma pensão alta que, involuntariamente, a qualquer momento pode ser descumprida,

resultando nas injustiças que presenciei lá dentro. E a prisão destes homens não ajuda em nada! Apenas agrava a situação, colocando estes mesmos homens em situação financeira ainda mais difícil do que quando entraram. Em última instância, a prisão dos pais acaba por prejudicar ainda mais os próprios filhos, que vão encontrar depois pais mais cansados, adoecidos muitas vezes por ansiedade e depressão, sem recursos financeiros e praticamente decadentes. Prato cheio para a posterior alienação parental provocada por mães insensíveis.

Eu comentei apenas algumas das profissões encarceradas lá, mas em nossa cela de 63 homens encontravam-se profissionais de várias e várias áreas. Todos, homens produtivos, trabalhadores. Tinham cometido seus erros e pecados, claro, mas não eram criminosos, pelo menos não naquele momento. Prender trabalhadores é uma distorção de nosso sistema judiciário. Não importam as justificativas jurídicas, sempre bem escritas e fundamentadas, para tal ato irracional. A Lei da Pensão Alimentícia precisa ser urgentemente revista e aprimorada, a fim de buscar promover a proteção sim de mães e filhos, mas preservar também o pai, fazendo com que ele cumpra com suas obrigações, mas sem causar os atuais sérios prejuízos materiais, físicos e psicológicos que o encarceramento provoca! Não adianta tampar o sol com a peneira!

Ao acordar no dia seguinte, com a mesma dor de cabeça da madrugada, fiquei em pé no corredor por talvez umas duas horas até que o agente carcerário abrisse a cela para podermos sair um pouco lá fora no pequeno pátio. O momento de abrir a cela era mágico! Pensar em sair do corredor e poder respirar um pouco lá fora era ótimo. Ao sair, eu poderia inclusive usar minha caneca para pegar um pouco de água da torneira do tanque para beber, já que beber a água do lavatório do banheiro estava, até o momento, fora de cogitação. Lavar o rosto e escovar os dentes, somente depois de muito tempo, era

um alívio. Segue-se então o ritual do café da manhã: ordem do Capa para todos irem para o fundo, entrada do pão seco com café frio e fila em caracol. Ao chegar a minha vez torcia para que o rapaz colocasse mais café na minha caneca, pois eu precisava de cafeína para reduzir a dor de cabeça, mas era somente aquela dose magra e fria mesmo. Sentava-me então em algum canto no chão e comia o pão seco com café frio. Nesses momentos podíamos conversar e fazer nossas lamentações: a espontânea terapia de grupo. Como todos tínhamos queixas semelhantes, o sentimento de irmandade era quase que imediato. Um rosto novo passava a ser amigo em poucos minutos de conversa. Um dos presos, um rapaz que aparentava seus 37 anos, era designer gráfico e, pelo jeito polido e hábil de conversar, deveria ser bom em sua área. Seu caso me comoveu muito. Ele dizia que tinha um filho de cinco anos de idade. Sua ex-mulher o havia deixado e ido morar com um outro homem. Ela dificultava ao máximo sua relação com o filho. Num fatídico dia, seu filho chega para ele e comenta: “Papai, não fica bravo com a mamãe e o fulano não tá, mas ele fez coisa feia comigo.” O amante de sua ex-mulher tinha estuprado seu filho. Após o garoto ter comentado isso, ele abriu as nádegas do menino e constatou que o local estava muito vermelho. Levou o garoto ao médico e foi constatado o abuso. Ele dizia que a ira o havia dominado, que queria matar o tal homem, mas que por força de sua fé ele manteve-se frio. Procurou então ajuda com amigos policiais, que o orientaram a gravar mensagens, conversas e tudo que pudesse. Já havia gravado o garoto reclamando do ocorrido, era uma prova. Havia também guardado o documento médico. Um dia, ao conversar com a ex-mulher gravando ocultamente a conversa, conseguiu registrar a própria mãe protegendo o amante, dizendo algo como “eu tentei falar para ele não fazer isso, mas ele não me ouviu”. Era o que faltava! Havia então conseguido provas de tudo, inclusive da negligência da mãe. Conseguiu um advogado criminal, iniciou um processo por abuso de incapaz e

negligência materna e tanto a mãe como o amante haveriam de pegar dez anos de prisão criminal. O caso já estava quase concluído. Ele dizia que, assim que saísse da prisão por pensão alimentícia, já teria o direito à guarda de seu filho, e tanto a mãe quanto o amante seriam presos. Naquela conversa eu tive um misto de emoções, não sabia se ficava revoltado com o nojento crime cometido contra seu filhinho de apenas cinco anos, ou ficava feliz por ele ter conseguido ter sangue frio para reverter toda aquela situação, ou mesmo ficava perplexo por ver um pai preso pela Lei da Pensão Alimentícia, enquanto a mãe negligente e criminosa estava solta com seu filho e provavelmente ainda o amante estuprador. Não compreendia essa aberração: uma mãe criminosa consegue colocar o pai na prisão usando a Lei da Pensão, enquanto o pai lutava para provar que o verdadeiro crime era cometido pela mãe e o estuprador de crianças!

Em outro momento, conversando com outro companheiro de cela, ele me dizia, visivelmente abatido, que o motivo de ele estar ali era por conta de sua própria filha. Ela tinha 24 anos. Ele tinha um lote que depois foi dividido com o irmão. A mãe já não queria mais a filha, então ela foi morar com o pai em sua casa. Como a casa do pai era pequena e a de seu irmão era maior e com quarto sobrando, a filha preferiu morar então na casa ao lado. Segundo ele, provia de tudo para a filha e estava inclusive fazendo uma obra para criar um quarto a mais na pequena casa, todo montado e decorado como a filha queria. Foi então que, enquanto trabalhava na obra do quartinho anexo, foi chamado no portão por policiais e em seguida recolhido na delegacia. A filha, de 24 anos, moveu um processo de pensão alimentícia retroativo contra o pai. Tudo secretamente. Ele se lamentava muito pelo covarde ato praticado pela filha, dizia se sentir “apunhalado pelas costas”. Nestes momentos eu não pensava no mérito das questões. Talvez ele tenha sido um mal pai no passado,

talvez tenha sido um marido ruim, talvez tenha cometido seus pecados. A questão era que, culpado ou não, o ato da filha era visivelmente movido por crueldade. Aquele homem não tinha condições de pagar o valor estipulado pela justiça, uma vez que, pensões retroativas como o caso dele incidiam muitos juros, tornando a tal dívida praticamente surreal e impagável. A filha não iria receber o valor. A única coisa que ela conseguiria com aquilo era um ato de vingança. O tal homem me comoveu muito com sua história. Fiquei pensando, como a relação entre pai e filhos pode ser muito prejudicada com o divórcio. Além do caso dele, ouvi muitos outros semelhantes, onde a mãe afasta as crianças do pai, devidamente protegida pelo sistema e, deliberadamente, faz graves alienações parentais. O resultado disso é um grande prejuízo para as crianças, que crescem afastadas da figura paterna e pior, alimentando raiva do genitor, patrocinada pela própria mãe insensível. Penso que filhos que colocam seus pais na cadeia devem ter grandes questões psicológicas mal resolvidas. Mais uma vez, a Lei da Pensão Alimentícia sendo usada de forma distorcida e perversa, amparada pelo judiciário.

Abre-se então o portão de ferro e é feita a chamada para aqueles que vão trabalhar lá fora. Curiosamente, muitos dos presos preferem ficar ali mesmo, sem sair. Eu não conseguia compreender, pois era muito melhor trabalhar do que ficar parado naquele local. Mas depois comecei a entender, pois muitos já estavam tão abatidos que não tinham motivação para mais nada. A opressão, o cansaço, as decepções, a falta de dormir e o adoecimento os mantinham em um estado apático. Ficar na cela, para eles, era melhor. Pelo menos a cela estaria mais vazia e poderiam se deitar.

Após o ritual de contagem de presos, podíamos sair. O agente penitenciário gritava o primeiro nome e nós completávamos com o nosso sobrenome. Aquilo é humilhante. Já na fila de trabalho,

juntei-me à turma da horta novamente. Neste dia eu já me sentia pertencente ao grupo. O senhor Nelson e o senhor Carlitos eram os líderes. Eu ficava com a turma do senhor Carlitos. Ele já havia criado um laço de empatia comigo, me tratando como a um filho. De fato, ele, com sua face lânguida e cabelos brancos, parecia conter uma carência afetiva por uma figura filial, que sua ex-mulher o havia subtraído. Além disso, ele gostava do meu trabalho. Para mim, lidar com enxada, pá, terra e plantas era normal. Ele logo notou isto e perguntou de onde eu tinha tido contato com isto. Comentei com ele que, antes do divórcio, eu possuía um sítio em área rural, com muitos animais, perus, galinhas, patos, gansos, cavalo e até vaca leiteira. Fazia queijos, cuidava de tudo, desde a capina até o conserto de cercas. Como lá naquele rincão tive a sorte de pegar uma boa internet via rádio, por meu rancho ficar em uma colina elevada, podia cuidar de todos os afazeres da roça enquanto também cuidava de meus trabalhos na cidade. Continuei explicando que, após o divórcio, fui obrigado a vender o sítio para partilhar com a ex-mulher e, pelo aperto financeiro, tudo que havia construído com muito carinho tinha sido desfeito a preço de banana. Ele ficou sensibilizado com minha história e fomos nos consolando enquanto preparávamos a área para mais três canteiros de alface. O sol já estava forte e lembrei de que não havia levado o protetor solar. Secretamente comecei a rir de mim mesmo naquela hora. Pensar em ter um protetor solar ali era como um cachorro ter creme para os pelos. Depois de alguns segundos rindo sozinho, pensei seriamente na possibilidade de ter um boné. Ao voltar do banheiro, perguntei a um agente penitenciário que vigiava o local se, para os que trabalhavam na horta, seria possível ter um boné. Ele foi até educado na negativa, mas visivelmente estava achando aquilo engraçado. Preso não tem nenhuma regalia, que dirá um boné para o sol! Felizmente meu cabelo estava um pouco maior e protegia a cabeça, mas já na volta um dos outros presos, em tom de gozação, gritou “ô, cabelinho, mais tarde

vamos te pegar heim”. Era o sinal de que iriam passar máquina zero na minha cabeça. Voltei então para a horta e continuei fazendo o melhor que podia. Lembrei muito dos conselhos de Salomão, do apóstolo Paulo e também de Jesus: “tudo que vier à sua mão para fazer, faze-o de todo o seu coração”, ou “tudo que fizer, faça para o Senhor, não para os homens.” Continuei dando o meu melhor no trabalho da horta sem pensar que não poderia colher nenhum daqueles frutos. Não era permitido comer nada do local. Toda a colheita era destinada às creches da cidade, doado a escolas. O nobre destino de nosso trabalho me alegrava. Pelo menos todo aquele alimento iria ajudar as crianças.

Entre idas e vindas para beber água e buscar esterco, sempre havia um ou outro colega detento para conversar. Muitos ficavam o dia inteiro enrolando, não faziam absolutamente nada. Apenas saiam e ficavam fingindo trabalho somente para não voltar para a cela. Eu compreendia, afinal era um trabalho gratuito sem nenhuma contrapartida, nenhuma redução de pena ou mesmo benefício qualquer. Era realmente análogo à trabalho escravo. Novamente lembrei-me de muitas passagens na Bíblia a respeito, aconselhando sempre aos escravos a fazerem sempre o seu melhor, sem pensar na opressão de seu escravizador, mas no olhar benevolente de Deus. Isso me alegrava. A fé e a Palavra são realmente poderosas! Eu realmente tentava ser produtivo e útil, apesar da fome, desidratação, dores pelo corpo por não dormir direito e a dor de cabeça que, durante o trabalho, desaparecia. Comecei a refletir o motivo pelo qual as civilizações antigas eram tão prósperas e conseguiam construir aquelas obras monumentais como as pirâmides do Egito, ou templos romanos, aquedutos colossais e tantas outras coisas. O ser humano é a melhor máquina que existe! Se usado de forma escrava e em grande quantidade é capaz de fazer maravilhas que o mundo moderno não consegue mais. Naquela horta, enorme e cheia

de tarefas, bastava o senhor Carlitos eleger as tarefas e haveria muitos homens disponíveis para executá-las. Em poucas horas várias coisas eram feitas, cada um fazendo um pouco e o conjunto disto ao final do dia era interessante de ver. O trabalho escravo, mesmo usando mão de obra oprimida e muitas vezes debilitada, é bastante eficiente, na prática.

Ao final da tarde chega então a Kombi branca no portão principal, trazendo as marmitas da janta. Para mim era péssimo, pois teríamos que parar o trabalho e voltar para a cela 1. Eu sinceramente preferiria mil vezes trabalhar até às 10 horas da noite carregando pedras do que ficar naquela cela. Na correria, acabei esquecendo, em cima do tronco na sementeira, a camiseta extra usada que eu tinha conseguido anteriormente. Só me dei conta disto na hora do banho, quando tirei minha camisa toda suada e suja de terra do dia de trabalho e pendurei ao lado do chuveiro. Quando coloquei aquela camisa suja no prego da parede e entrei no chuveiro me bateu um sentimento de burrice enorme. Terminei o banho de cinco minutos debaixo de enorme pressão da fila do lado de fora e peguei o mesmo short e camiseta sujos e os vesti. Desviei-me do colega que estava defecando ao lado e voltei para o corredor, tentando encontrar um espaço para ficar de pé, já que a cela estava trancada novamente e todos os 63 estavam devidamente enjaulados. Passei por diversas vezes o sabão em barra na camiseta tentando disfarçar o mal cheiro, e também embaixo do braço como desodorante (muito eficaz, diga-se de passagem). No final das contas o cheiro lá dentro era tão uniformemente ruim que pouca diferença fazia eu estar usando a mesma roupa já há vários dias. O único cheiro que ainda se destacava no meio daquela fuzarca era o de fezes, que eventualmente escapava do banheiro para dentro da cela. Os privilegiados que tinham camas ficavam então mais bem acomodados em suas “jecas”. Aproveitavam

a vista privilegiada de cima para fazer gozações com a turma de baixo. Já o pessoal da praia não tinha recurso, era ficar por horas em pé aguardando a ordem do Capa para montar a praia. Nos bate-papos surgiam histórias das mais diversas, zoações e muitas piadas com nossa condição. Já que todos estávamos curtindo a praia, o jeito era rir da tragédia. De fato, esse lamentar e consolar constante era como uma verdadeira terapia em grupo, um dos pontos mais positivos dessa traumática experiência. Eu podia perceber de forma muito clara os benefícios dessas trocas de confissões e lamentos. Uma intensa e forçosa terapia de grupo para homens que, em condições normais, jamais se reuniram ou mesmo comentariam de tais coisas uns com os outros. Esse efeito terapêutico da prisão é realmente considerável. Uma das coisas que mais me dava satisfação era a rotina de “cultos”, sempre às seis horas da tarde, conforme estipulado nas regras do Capa. Uma grande parte dos colegas de cela se diziam cristãos, sendo a maior parte da vertente evangélica. Mas ali pouco importava a religião, somente a fé verdadeira. Segundo as regras, quem quisesse poderia participar do culto, e quem não quisesse poderia ficar à parte na dele ou vendo TV, desde que não atrapalhasse. Este hábito rotineiro foi uma das coisas que me causou maior impacto positivo naquele lugar. Não era uma questão religiosa. Era um momento em que, de alguma forma, tomávamos as rédeas de nossas vidas por algum tempo, onde fazíamos um movimento coletivo totalmente livre e civil. Mesmo presos, oprimidos e humilhados, podíamos exercer um ato de total liberdade de ser. Dentre os presos, tínhamos dois pastores. Sim, dois pastores presos pela Lei da Pensão Alimentícia. Além deles, outros rapazes, mais jovens, também cantavam louvores e ministravam a palavra. Não tinha para onde correr. Mesmo quem não gosta de atos religiosos acaba sendo envolvido. Eu já estava há um bom tempo sem congregar com algum grupo. Era uma coisa que eu sentia falta. Desde que me separei, a dor, o sofrimento e a mudança de rotina pós separação acabaram me

tirando muitos dos hábitos que tinha antes. O de congregar era um deles. Era muito tocante ao ver aqueles homens cantando com fervor lindos cânticos cristãos, todos muito dentro de nosso contexto e, justamente por isso, bastante comoventes. Eu percebia muitos outros homens chorando, discretamente, durante esses momentos. Os jovens que tomavam a palavra tinham um brilho no olhar diferente, como se não estivessem ali presos ou oprimidos. Pelo contrário, naqueles momentos eu os via com grande alegria. Ao ouvi-los pregar a palavra, ficava literalmente atônito ao ver a lucidez e a sabedoria com que falavam. Não era uma pregação comum de igreja. Falavam com uma profundidade de reflexão e contextualização de sabedoria que desconheço filósofos ou palestrantes capazes de falar. Eu me alegrava muito ao ver aquele grupo de homens, naquela situação de humilhação, alegres e cheios de fé e esperança. Diante de tanta demonstração de caráter e força interior, nessas horas eu me sentia o menor dentre eles. A sabedoria, a fé, a esperança e a força daqueles homens eram contagiantes e, ao mesmo tempo, nos provocava muitas reflexões interiores. Muitos dos colegas de cela, talvez afastados da vida espiritual ou mesmo céticos quanto a ela, eram visivelmente envolvidos e tocados, ao ponto em que pude perceber grandes transformações acontecerem com alguns deles. Um dos casos, o que mais me comoveu, foi o daquele homem que foi punido pelo Capa e teve que passar a noite no “boi”. Em um desses cultos, ele recebeu o acolhimento do grupo que estava orando e colocaram a mão sobre a cabeça dele. Oravam com grande fervor e sinceridade intercedendo por aquele homem. Ele, que iniciou no grupo como um “criminoso” e por isso foi severamente punido, já estava totalmente integrado e esperançoso novamente. No dia seguinte, no café da manhã, estávamos eu e ele sentados no chão e então puxei assunto. Ele me disse “Você não está me reconhecendo? Nós estudamos juntos no mesmo colégio na oitava série!”. Seu rosto realmente me era familiar,

mas eu não sabia até então de onde. Ele estava tão castigado pela vida que eu realmente não o reconheci. Continuamos a conversar e então ele me disse que havia acabado de receber, no portão da penitenciária, uma advogada que queria conversar com ele. Ele havia ficado surpreso, pois até então não tinha advogada, não tinha dinheiro, não tinha ninguém, já estava morando na rua há algum tempo. A tal advogada surgiu do nada para o defender! Prometeu inclusive trocar a pena dele por trabalho voluntário como enfermeiro em uma ONG que ela mantinha (sim, esse homem era enfermeiro!) e depois contratá-lo como funcionário efetivo. Concluiu dizendo “um milagre aconteceu na minha vida”. Eu, mais uma vez perplexo, constatei o fato. No dia anterior ele havia se deixado comover pela fé e recebido inclusive a oração do jovem ministrante, e no dia seguinte esse verdadeiro milagre ocorre com ele. Mais uma vez eu ficara comovido e estupefato pelas inúmeras contradições e paradoxos daquele lugar.

O portão de ferro se abre e a fila da turma da horta se forma. Neste dia somente a turma da horta poderia sair, já as demais atividades não. Ficariam todos presos na cela 1. Eu fiquei aliviado por fazer parte deste grupo. A horta exigia cuidados diários e era a menina dos olhos dos agentes penitenciários. Certamente, o diretor do presídio estava muito contente com nosso trabalho, uma vez que a enorme e bela horta saltava aos olhos de todos que chegavam no presídio. Penso eu que isso contava muitos pontos para o diretor e sua equipe. Não estranharia se uma equipe de televisão chegasse em qualquer dia desses para fazer uma reportagem bastante favorável do lugar, elevando ainda mais a moral de todos no sistema prisional.

Perguntei então ao senhor Carlitos o que deveríamos fazer. Ele apontou então para uma grande área de mato e disse que o agente responsável pediu para que fizéssemos mais três canteiros ali. O local era estratégico, bem na frente da rua principal do presídio. O

mato não estava muito alto, felizmente, mas o chão estava bem seco. Peguei então uma enxada velha com cabo de pau de mato e, sem pensar duas vezes, peguei firme na capina. Eu ia capinando e juntando o mato e o senhor Carlitos ia recolhendo com a pá e colocando no carrinho de mão. Depois de um tempo, talvez vendo a enorme tarefa que tinha pela frente e minha disposição em cumpri-la, surgiu um outro detento. Eu pensei que ele ia me ajudar na capina, pois dois capinando seria o ideal, mas ele apenas ficou na tarefa de recolher o mato. Para mim tudo bem, eu queria era trabalhar bastante para chegar ao final do dia cansado para dormir melhor. Com o corpo cansado era bem mais provável uma noite de sono melhor, coisa que eu estava precisando muito. Depois de duas horas havia concluído a tarefa, o campo estava todo limpo e pronto para receber os canteiros. Eu já nem ligava mais para o sol, nem pensava mais em protetor solar. A queima da pele acaba se tornando um protetor natural. Pergunto então ao senhor Carlitos como ele deseja fazer os canteiros. Ele me diz que não temos recursos, então o jeito era andar pelo complexo procurando pedaços de pau, ferros, troncos de árvore, restos de tijolos e qualquer coisa que pudesse servir para fazer a cerca dos canteiros. O senhor Carlitos era realmente um homem muito inteligente. Mesmo com poucos recursos ele conseguia transformar o cenário e fazer um bom trabalho. O método que ele tinha definido para fazer os canteiros era muito eficaz. Primeiro, recolhíamos as folhas secas caídas e fazíamos um grande monte, usávamos então para fazer o “berço” colocando uma camada de uns 20 centímetros de folhas. Em seguida, peneirávamos um monte de terra que estava próximo, fazendo uma farinha fina e uniforme, e transportávamos de carrinho-de-mão até o canteiro, formando então uma camada de uns 10 centímetros de terra limpa e uniformemente peneirada. Por fim, era o momento de ir até o monte de esterco e trazer até o local alguns carrinhos cheios, formando finalmente a última camada, de também 10 centímetros.

Finalmente, molhávamos todo o conjunto e era preciso deixar pelo menos três dias para que o canteiro ficasse pronto para receber as mudas. Aquilo era perfeito! Qualquer hortaliça plantada ali iria ficar bonita e frondosa!

Mas, antes, era preciso formar o berço do canteiro. O senhor Carlitos havia encontrado um monte de restos de tijolos encostados ao final do complexo, num canto mais distante. Eu prontamente me voluntariei para ir buscar tal material. Nisto aparece mais um detento que queria nos ajudar. Ele era um rapaz de baixa estatura e aparentava ter uns 30 anos, sua particularidade era que lhe faltava a mão direita. Ele tinha o braço e o antebraço, mas não tinha a mão. Ele ajudava na rega das plantas, tarefa que poderia executar com uma mão somente. Mas ao ver a nossa empolgação com o novo canteiro ele queria nos ajudar de qualquer jeito. Como estávamos cortando alguns galhos para servir de apoio no canteiro, tínhamos conosco um facão bem afiado e também um machado. Todas as ferramentas são fornecidas mediante cadastro do nome de quem as pede. A horta, como gozava de grande moral com os agentes, tinha acesso livre a todas elas sem muitas perguntas. Um facão e um machado andando livremente em uma unidade prisional não é uma boa ideia. Mas estávamos tão envolvidos com o trabalho que nem nos demos conta disso. O rapaz então levou o facão e o machado e eu fui levando o carrinho. Ao chegar no local, mais afastado, começamos então a colocar os tijolos no carrinho. A ideia era cortar troncos na volta e trazer também. Ao perguntar a ele sobre a pensão alimentícia, ele me disse que não era por isso que estava ali. Ele havia sido condenado a 12 anos de prisão, por assassinato. Já tinha cumprido seis anos e agora estava tendo a oportunidade de cumprir o regime semiaberto e ressocialização. Aquela prisão não era somente de pensionistas, era também de presos em processo de ressocialização.

Então estávamos eu e ele, em um canto remoto da prisão, pegando tijolos e com um facão e um machado ao lado. Inusitado, para dizer o mínimo. O rapaz era tão gente-bona que eu nem me preocupei com isso. Fiquei inclusive comovido ao ver ele conseguindo carregar dois tijolos mesmo com uma mão só, apoiando com o toco de braço para não cair, se esforçando para ser útil e ignorando suas limitações. Fomos conversando e ele me disse que tinha um filho de três anos, uma esposa, pai, mãe, família. Tudo o esperando lá fora ao terminar de cumprir sua pena. Segundo eu entendi, ele poderia sair a cada mês e ficar sete dias lá fora, depois teria que retornar. E aos poucos sua pena iria sendo reduzida.

Voltamos com o carrinho cheio. O senhor Carlitos fica contente com o material e começamos então a formar o canteiro. Troncos, tijolos e restos de tábuas, tudo devidamente alinhado e estacado com ferros que sobram da serralheria. O resultado foi um canteiro muito bem-feito e resistente. Enquanto montávamos o canteiro, eu e o senhor Carlitos fazíamos perguntas para o rapaz. Em momento algum perguntamos como ele havia perdido a mão ou como foi seu crime. Estávamos sinceramente curiosos pela vida dele na prisão e a relação com a vida civil lá fora. Se nós, com uma pena de 90 dias, já estávamos sofrendo bastante, imagina aquele rapaz, condenado a doze anos e já a seis cumprindo pena. E pior, ele cumprira a maior parte da pena no presídio fechado, junto de outros criminosos. O regime fechado é infinitamente pior do que o nosso, semiaberto. Lá ficam dezenas e dezenas de homens amontoados em celas pequenas 24 horas por dia, podendo sair da cela apenas duas vezes por semana para tomar banho de sol por apenas duas horas. Todos criminosos condenados, onde há um completo sistema paralelo em que os donos da prisão são os presos, não os agentes penitenciários. Dentre os demais presos, este rapaz tinha ganhado o apelido de “mãozinha”. Ele

dizia que sempre foi inclinado para o crime, mas que agora estava mudado, querendo uma vida normal, motivado principalmente por seu filho de três anos. Ouvindo em detalhes sobre a vida dele dentro e fora da prisão, eu e o senhor Carlitos ficamos muito comovidos e ao mesmo tempo sem conseguir compreender direito como ele havia sobrevivido a todos os problemas ao redor. Ele dizia que, para conseguir uma cama na prisão (a “jega”), chegou a pagar mil reais. Dizia também que o que lhe ajudava era o fato de ser aposentado por invalidez, recebia um recurso também de um aluguel de um barracão que tinha na favela. Esses recursos o ajudaram muito dentro e fora da cadeia. Dizia também que seu objetivo era construir mais um barracão para alugar e, quando chegar a hora de ser liberto, ficar com sua esposa e filho sabendo que teria esses recursos para seguir a vida. O senhor Carlitos, ouvindo os relatos dele de luta e sobrevivência dentro da cadeia por seis anos, chegou a pergunta-lo se tinha pensado em se matar. Ele disse que sim. Eu queria perguntar o motivo de ele não ter se matado, mas intrinsecamente eu já tinha a resposta comigo: certamente era por causa seu filho. Isso me trazia inúmeras reflexões, de como existem homens fortes capazes de suportar o insuportável, e como a esperança e o amor podem fazer mudanças e dar sentido a uma vida sem sentido. Naqueles momentos eu realmente esquecia dos meus problemas que, diante de tantas histórias chocantes, pareciam bastante pequenos perto de todo o horror que outros passam. Essa relativização ocorria o tempo todo. Concluí que aquilo era uma oportunidade ímpar de vivenciar uma experiência incrivelmente enriquecedora, capaz de transformar dor e sofrimento em verdadeiro crescimento pessoal, forjador de um caráter mais denso e ao mesmo tempo mais humilde. Eu realmente não sairia dali o mesmo que entrei. Esta também era a conclusão de muitos outros colegas, principalmente o senhor Carlitos. Ele dizia que aquilo o havia transformado. Ele tinha entrado naquela prisão em estado de

completo desânimo e entrega e, já próximo de cumprir seus 90 dias (que, segundo ele mesmo, equivaleriam a 90 meses), se encontrava um homem completamente mudado, com ânimo de vida revigorado e pronto para retomar as rédeas de seu destino novamente, lutar pelos seus direitos junto a seus filhos e não permitir mais ser injustiçado pelas diligências de sua ex-mulher.

A Kombi branca chega e entra pelo enorme portão de ferro principal. É a hora de todos irem para as celas e esperar as marmitas. Entramos então em fila, mãos para trás, cabeça baixa e seguimos no espaço do pequeno pavilhão. Na correria eu tinha esquecido, de novo, minha bolsa lá na horta, com tudo, inclusive caneca e colher. Uma das coisas que são prejudicadas em estresses traumáticos é justamente a memória. A minha estava horrível. Portão fechado e não tinha jeito de voltar. Fui procurar alguma colher jogada e encontrei uma no chão, no canto perto do corredor do banheiro. Ótimo! O importante era matar a fome! Neste dia as marmitas foram melhores, tinha ovo, além da batata doce. E até um potinho extra com mamão! Pensei na mesma hora em usar aquele potinho para colocar o sabão, pois jogado dentro da bolsa de pano estava estragando tudo lá dentro. No almoço sempre comentávamos sobre a questão do sal. Acho que se alguém chegasse com um quilo de sal e oferecesse por cem reais todo mundo pagava numa boa. Após o almoço, fiquei com medo de não deixarem a gente sair na parte da tarde. Mas felizmente a equipe da horta tinha sempre preferência, então terminamos o almoço e ficamos na expectativa do agente abrir a porta de ferro. Nesses intervalos sempre havia oportunidade de conversar e conhecer mais pessoas. Apesar de sermos 58 naquele dia (alguns já tinham saído), a toda hora eu reconhecia um rosto novo e ouvia novas histórias. Um dos presos já há mais tempo comentava que na semana passada havia entre eles um transsexual que foi preso e colocado na

cela 1. Ele disse que era bastante estranho, pois o rapaz era literalmente uma mulher, só que ainda com o órgão masculino. Ninguém podia nem chegar perto dele. Foi um constrangimento enorme para todos, principalmente para o rapaz. Felizmente ele ficou ali somente dois dias e depois foi transferido. Fico pensando como deveria ser constrangedor para ela, que se identifica como mulher, colocada em uma cela com 76 outros homens (sim, na semana anterior eram ao todo 76 homens confinados naquele espaço pequeno!). Eu não conseguia imaginar 76 homens naquele lugar, muito menos uma transsexual no meio deles. Seria mais uma das aberrações que nosso sistema judiciário patrocina. Talvez o saudoso juiz que emitiu a decisão de prender o rapaz nem se deu ao trabalho de identificar seu gênero. Então, ouvindo a conversa, outro colega de cela perguntou: “como ele fez filho em uma mulher se ele também é mulher?”. Eu não sabia se achava aquilo cômico ou trágico.

Outro caso curioso foi que, entre nós, havia também um cantor, que era bastante assediado pela turma. Era um cantor sertanejo relativamente famoso na cena noturna de Belo Horizonte, com shows cheios, redes sociais populares e tudo que tinha direito. Eu não o conhecia, mas a julgar pelos burburinhos ele devia ser famoso na cidade. Segundo ele, estava ali por um erro no sistema. Estava pagando normalmente a pensão, mesmo assim acusava sem pagar. Eu não acreditei naquela conversa. Talvez estivesse envergonhado, com receio da publicidade negativa. Mas o fato é que todos nós estávamos no mesmo barco, não havia motivos para ter vergonha. Segundo o Noel, que veio preso com ele da mesma cela da cadeia, o tal cantor chegou na delegacia todo “traiado”, calça apertada, camisa engomada, botina de couro e tudo mais. Ao jogarem ele na cela junto com o Noel e mais seis outros presos, foi uma gozação só! Ele ainda tinha o seu precioso topete da moda, que durou pouco, pois assim que chegou no

presídio com aquela pinta de galã caipira a turma da “barbearia” não pensou duas vezes. Foi logo passando máquina zero nele! Eu penso que ele ficou mais chateado pelo corte de cabelo do que pela prisão em si. Mas era um homem muito espirituoso e todos ríamos juntos com ele. E, diga-se de passagem, o rapaz cantava bem mesmo. Em um dos dias, um dos agentes penitenciários levou um violão para ele no galpão do almoxarifado, local mais discreto, reuniu uma turma e o deixou fazer um pequeno show particular no recinto. Eu perdi essa, pois não fazia parte da turma do almoxarifado. Realmente coisas inusitadas aconteciam lá com frequência. Os agentes penitenciários também devem se divertir com essas bizarrices.

O portão de ferro se abre e todos seguem o procedimento de ficar no fundo da área. Neste dia somente a turma da horta foi chamada. Como era bom ter esses privilégios lá dentro, talvez uma bênção por fazermos um bom trabalho. Eu prontamente entrei na fila e sai com o senhor Carlitos, senhor Nelson e demais companheiros. O Noel também era da turma da horta. Foi um dos que mais tive proximidade. Noel era pedreiro. Estava sempre com um sorriso no rosto, um olhar alegre e era uma companhia sempre agradável. Hora nenhuma o vi murmurando ou reclamando. Pessoas assim são muito agradáveis de se estar junto. Ele deveria ter a minha idade, por volta dos 46 também. Estava no seu terceiro “casamento”. A mulher que estava cobrando pensão seria a primeira, que tinha um filho com ele. Ele devia algo próximo de 50 mil reais! Pensem! Um pedreiro com uma dívida dessas, era impagável! Eu perguntei como chegou nesse ponto e ele disse que também não entendia, pois tinha muita multa ou juros ou sei lá o quê... Foi durante a pandemia, quando ele ficou sem trabalhar. Já a segunda mulher, com quem ele também tinha um filho, nunca reclamou dele pensão ou faria algo assim, tinham um bom relacionamento. E a terceira mulher, com quem ele tinha

acabado de fazer mais um filho, era a que ele queria ficar e sempre se emocionava ao comentar dela e da criança. Pensei comigo: se uma mulher já dá trabalho, imagina três! Esse era corajoso! O curioso é que, justamente a mulher que o havia jogado ali na prisão por 60 dias, era rica, morava na Espanha. Ela moveu o processo de pensão contra ele pelo simples prazer de vê-lo preso! Nessas horas é que a gente vê que nossos problemas são bem menores. E o mais interessante era vê-lo sempre espirituoso, sem reclamar, com um ar de contentamento. Era realmente um prazer tê-lo como amigo naquele lugar. O único momento em que o vi com o semblante triste e olhos cheios de água foi quando se lembrou de seu filho recém-nascido.

Termina o dia e nosso belo e enorme canteiro fica pronto! Já com a forração de folhas secas, faltando somente colocar as camadas de terra e esterco depois. A Kombi branca chega novamente e é o sinal de entrarmos em fila e guardar as ferramentas. Desta vez eu lembrei de trazer comigo a bolsa vermelha com meus pertences! Mas tinha esquecido de ir até a turma da costura para ver se conseguia uma blusa de frio ou mesmo um travesseiro improvisado. Era tarde demais, os guardas já estavam prontos e tínhamos que entrar. Portão fechado e começa então a fila para o banho. Como eu não ia mesmo trocar de roupa, lavei os pés para já garantir. O chuveiro estava com cheiro de queimado e talvez não desse para tomar banho naquele dia. Um chuveiro que aguenta ficar cinco horas ligado direto a gente tem que respeitar. Foi então que lembrei de colocar meu nome na fila do banho, mas já era tarde, fui o último da fila. Número 59 agora (tinha chegado um novato). Sempre que chegava um novato era motivo de gozação. Diziam que o “à espera de um milagre” é quem ia dar banho nele. O “à espera de um milagre” era um homem negro enorme e parecia muito com aquele ator do tal filme. Uma figura singular e muito carismática. O novato sempre ficava constrangido até que todos caíam na

gargalhada. O ruim de ficar por último na fila do banho era que tinha que ficar de pé o tempo inteiro, já que não podia sentar sujo nos colchonetes da praia. Fazendo as contas, cinco minutos para 59 homens era mais ou menos umas cinco horas para conseguir tomar banho. Neste dia acho que consegui tomar banho lá pelas 23 horas, já na hora de montar a praia. Acabei o banho e fui direto para o final do corredor, na esperança do Capa me deixar dormir mais para o fundo, pois dormir perto do banheiro era muito ruim. Felizmente a turma ia muito com a minha cara, pois sempre arrumavam um bom canto para eu me espremer. Antes, enquanto esperava por minha vez para tomar banho, estava acontecendo o culto. Neste dia a cela tinha sido trancada mais cedo, então o culto teve que ser dentro da cela mesmo, no aperto. Foi um dos dias mais comoventes. Ali, sem templo, sem doutrinas, sem dizimos... apenas pessoas de fé, humilhadas em suas dignidades, mas com um genuíno desejo de exercer sua espiritualidade. Nunca havia participado de uma congregação tão bonita e edificante quanto aquela! Cânticos sinceros e profundos, orações verdadeiras e comoventes, pregações com enorme sabedoria de palavras e muito edificantes, proferidas de uma forma diferente, com o fígado, com a alma, com o espírito! Não é uma questão de religiosidade. É uma questão de forjar homens fortes, esperançosos e superadores, cuja humildade era uma das maiores demonstrações de caráter. Na cela 1, mesmo os que não participavam do culto, ficavam tocados com a fé e a alegria daqueles homens. Era muito genuíno, não havia nenhuma plateia social, nenhuma agremiação religiosa, era tão somente o exercício da fé.

O Capa então ordena “bora montar a praia!”. Silêncio total, TV ligada e cada um se ajeitava como podia. Neste dia eu fiquei em uma posição ruim, pois colocaram do meu lado um cara de estatura maior, e seu pé ficava bem no meu nariz. Ajeitei meu travesseiro

improvisado com marmitas de isopor e tentei adormecer. É curioso como os jornais da madrugada gostam de passar casos policiais. Neste dia, o noticiário havia soltado uma coisa que impactou a todos na cela. No presídio ao lado tinha ocorrido um surto de escabiose, de sarna, e todos estavam em quarentena até o final do tratamento. Até o Capa ficou preocupado. Se uma contaminação dessas chegasse até a nossa unidade seria horrível. Não sei se temiam pela doença ou pela possibilidade de ficar confinados, ou os dois. Felizmente, em nossa unidade prisional, não tinham relatado nada a respeito. Até então eu não havia me tocado sobre isso: a possibilidade de se adoecer naquele lugar. Um lugar apertado e nojento, cheio de homens de todos os cantos e sempre chegando algum novato sabe-se lá de onde. Era muito fácil uma contaminação! A cadeia realmente não é para os fracos. Mas, no meio de tantas adversidades, uma a mais ou uma a menos não fazia muita diferença. O jeito era viver o momento presente. Tudo que os filósofos mais aconselham, mas que na vida civil, cheia de confortos e distrações, não conseguimos. Na cadeia, o momento presente é só o que temos. Não há noção de passado ou futuro. Cada minuto é sorvido intensamente.

O dia amanhece e todos da praia são obrigados a levantar e recolher os colchões. Momento de ficar de pé por horas olhando um para a cara do outro, sem café, com frio, com sono, dor de cabeça, sede, fome. Mas isso não era mais um problema. A gente se acostuma. A questão ruim mesmo era ficar confinado na cela. Finalmente o agente abre a cela e podemos então sair e respirar lá fora. Chega o café gelado e o pão seco. Depois de uma noite gélida que com certeza chegou a uns 5 graus, o sol de manhã era a melhor coisa do mundo. Apenas tomar um pouco de sol, era o suficiente. Não importavam os demais desconfortos. Sol, era o bastante. Depois de um tempo no sol e a fila do banheiro já reduzida, rolava de urinar e quem

sabe escovar os dentes. Uma caneca de água da torneira mesmo e pronto, estava ótimo! A esta altura eu já não sentia mais o tempo passar. A gente simplesmente ficava lá, parado, olhando para o além ou andando sem rumo, vez ou outra parando em um grupinho e puxando conversa. Não sabia dizer se havia passado dez minutos ou uma hora. Não há noção de tempo. Quando entrei no primeiro dia eu ficava pensando em como faria para aguentar o dia inteiro, como ficaria lá trancado sem fazer nada. Depois, comecei a entender que a noção de tempo não existia lá, era somente o momento presente. Quando estamos presos, não temos a noção de tempo e espaço como temos na vida civil. O tempo é apenas o momento presente e o espaço e tão somente seu próprio corpo. Ficamos meio que anestesiados mesmo. Depois, ao refletir sobre isto, pensei também em como a vida civil pode ser jogada fora com tanta correria. Reclamamos o tempo todo da falta de tempo, pois realmente o jogamos fora. Não vivemos o momento presente. Uma das primeiras coisas que fiz já na primeira manhã fora da cadeia foi um café. Pela primeira vez eu havia notado o quanto o ritual do café era legal: coloquei a água no fogo, observei o azul da chama, fui preparando o coador alaranjado já todo manchado dos cafés anteriores, esperei calmamente a água ferver enquanto olhava para o sol que entrava pela janela da sala, esperei o tempo da fervura sem nenhuma pressa até começar as primeiras borbulhas. Coloquei então o precioso pó, também com toda a calma. Fui derramando a água fazendo círculos no sentido horário, pela primeira vez, sem pressa, curtindo o cheiro do café que vinha até as narinas e depois saía pela janela da cozinha. Não tinha pressa de coar o café. Curti cada momento do pó sendo coado e aquele aroma na cozinha. Peguei minha caneca de café, desta vez bem quente, sentei-me então na cadeira da sala onde entrava um raio de sol e sorvi aquela bebida como se fosse o melhor café do mundo! Aquele primeiro café, fora da cadeia, eu jamais vou esquecer. Vai ficar como lembrete para mim

mesmo de que devemos dar valor às coisas simples e gostosas da vida livre. Dos grande-pequenos confortos que temos.

Hora de descer para a quadra, era dia de ligação telefônica. Havia uma quadra toda telada onde os guardas juntavam os presos eventualmente para alguma chamada ou procedimento. Neste dia, de quatro em quatro, eram chamados para fazer a ligação telefônica. Era permitido ligar somente de 15 em 15 dias. Era a única oportunidade de falar com algum parente, esposa, filhos ou mesmo tentar encontrar algum advogado para ajudar. Na volta, muitos vinham chorando sem nem mesmo disfarçar, soluçando publicamente. Mesmo o mais duro dos homens acabava chorando ao conseguir falar com algum parente, mãe, esposa ou filho. Neste momento eu lembrei que não sabia de cor o número de minha mulher, nem mesmo da advogada Ana. Eu havia anotado em um papel amarelo de postite, mas tinha esquecido dentro da cela. Já me deu uma agonia pensar em perder a chance de falar com alguém lá fora. Então um colega ao lado comenta que poderia ligar após o almoço, dava para pegar o papel amarelo lá dentro nesta hora. Fiquei aliviado! Nisto um dos agentes chama meu nome e diz que tem uma advogada lá fora querendo falar comigo. Era a Aninha, sobrinha de um grande amigo. Já tínhamos feito muito churrascos juntos, cantado e festejado muito. Nem acreditei quando disseram que ela tinha ido lá me ver! O presídio ficava muito longe, afastado, em outra cidade. E ela apareceu lá! Fui logo me apressando até o portão de entrada e a Aninha veio logo me dando um abraço. Nessas horas de grande dificuldade e humilhação, ter uma pessoa que o defenda e lute por seus direitos é uma coisa incrível! A Aninha ficou sabendo do meu caso e, voluntariamente, se dispôs a me ajudar. Ela trazia notícias de minha mulher, mãe, amigos... Não haviam contado nada para a minha mãe, felizmente! Aos 73 anos seria um grande susto para ela imaginar um filho honesto na prisão. Meus filhos também não

sabiam de nada, felizmente. Não sei que tipo de trauma pode causar em duas crianças de oito e cinco anos ao saber que o pai está preso e condenado em uma penitenciária junto com bandidos, por iniciativa da própria mãe. Penso inclusive como uma mãe não coloca isso na balança ao tomar uma decisão desta. Nisto a Aninha comenta comigo de que meus amigos estavam se juntando para fazer uma “vaquinha” e pagar a dívida, para me tirar dali. Nesta hora eu tentei ficar forte, mas meus olhos encheram-se de lágrimas. Minha pena era de 90 dias, eu já não tinha mais dinheiro para nada, nem para advogados, quanto mais para pagar o valor definido pelo juiz. Noventa dias naquele lugar, além de massacrantes, trariam reflexos muito complicados tanto na parte financeira, que certamente iria se agravar ainda mais, quanto na parte emocional de meus filhos, minha mãe, minha mulher e em mim mesmo. Eu não tinha mais o direito de ter orgulho com nada. Olhei para a Aninha e, com os olhos inchados, disse que aceitava o gesto de carinho deles! Conversamos mais um pouco e ela saiu dizendo que iria cuidar de tudo!

Quando ela saiu do portão eu fiquei mais alguns segundos ali, atônito com o gesto dela e dos amigos, e mais uma vez chorei em secreto. Voltei para a quadra caminhando devagar passando pela horta, para dar tempo de os olhos desincharem um pouco. Ao chegar perto do Noel, que estava ainda aguardando sua vez ao telefone, comentei com ele o gesto dos amigos fazendo uma “vaquinha”. Ele ficou muito surpreso e disse que nunca ouviu falar de um caso assim, e comentou “você deve ter bons amigos mesmo!”, no que eu concordei. É curioso pensar em como a vida dá voltas. Minha família sempre foi muito simples, meu pai lutava pelo pão de cada dia, crescemos vencendo barreiras até que, pela graça de Deus, me fiz próspero e muito cheio de posses e realizações. Agora me via novamente falido, mais uma vez lutando pelo pão de cada dia. É

curioso perceber como tragédias podem afetar nossos planos. O divórcio e depois um novo processo judicial totalmente torto, de 25 anos atrás contra minha família, haviam retirado tudo que eu havia conquistado. O que me revoltava era que eu havia falido por conta do decadente judiciário brasileiro, que de duas formas me prejudicou muito. Primeiro, num processo lento e desigual de divórcio, segundo, num processo pré-histórico de 25 anos que, do nada, cai como uma bomba em minha família. Mas não era hora de ficar lamentando. Meu verdadeiro tesouro sempre esteve onde não podem me subtrair, e meus amigos são a prova disso!

Peguei então o papel amarelo na cela, que estava aberta para o almoço, e voltei rapidamente para a fila do telefonema. Consegui ligar e falar com minha esposa. Era a voz mais importante para mim naquele momento! Fico pensando em como deve ser difícil para uma mulher ficar ao lado de um homem falido e ainda por cima preso em uma penitenciária. Nessas horas é que a gente vê quem realmente nos ama. O apoio, o companheirismo e o amor dela faziam toda a diferença no enfrentamento destes desafios. Sinceramente não sei se aguentaria tantas provações sem ter ela ao meu lado, sempre confiante, dizendo que estaria ao meu lado fosse o que fosse. Naquele momento eu me sentia o homem falido mais rico que existia, pois, apesar de totalmente quebrado financeiramente, tinha tudo que um homem realmente precisa: uma mulher amada, filhos maravilhosos e amigos verdadeiros! Isso sim é uma riqueza sem medidas! Ao terminar aquela ligação, com os olhos cheios d'água, agradei muito a Deus por essa imensa graça em minha vida.

Ficamos o resto da tarde ali mesmo na quadra, não era permitido andar lá fora. Mas era melhor do que ir para a cela. Eu queria realmente era trabalhar na horta, para cansar o corpo e tentar dormir melhor, mas não tinha jeito. Apenas o “mãozinha” tinha o direito de

ficar na horta, pois ele era o responsável por regar tudo por lá. A kombi branca chega e todos somos ordenados a, em fila, andarmos até a cela para recolhimento. O frio estava muito forte neste final de tarde e seria uma noite mais fria ainda. Ao chegar na cela um dos colegas dá a notícia que estávamos sem água, a caixa d'água deu problema novamente. Ninguém tinha tomado banho ainda. Pensar em dormir com mais 57 homens (saíram 2) sem tomar banho não era nada agradável. Depois de duas horas e já escurecendo, a água volta. A fila então começa e pelas contas, seriam mais outras cinco horas até o último terminar. Eu, felizmente, tinha lembrado de colocar meu nome mais cedo neste dia, era o trigésimo. Acho que só terminamos o banho de todos já era mais de meia-noite. Neste dia, já mais íntimo da turma, consegui uma dose de dipirona para aplacar a dor de cabeça e até um copo de água. Dormi bem melhor, apesar do frio intenso. Quem dormia junto à janela de grades da cela sofria muito, não tinha como fechar, era somente grades e o vento frio. De madrugada, a sensação era de que estávamos literalmente dormindo em uma paia, ao relento. No dia seguinte acordo mais cedo e fico sentado esperando a desmontagem da praia. É bem ruim acordar cedo e ficar lá, parado, em silêncio. Só é permitido conversar após as 7 horas. Finalmente o agente abre a cela e o dia recomeça. Do nada, todo mundo fica empolgado, a turma do café comenta que estava quente ainda. Todo mundo festeja o café quente. Mas o gosto era horrível, algo como coado em uma meia suja. O jeito era tomar mesmo assim e tudo bem. A turma da serralheria sai primeiro, depois a turma de pedreiros, de limpeza e por fim a turma da horta. O senhor Carlitos diz que não está se sentindo bem, está muito fraco e com vertigem. Eu fico preocupado com ele. Ele dizia que já não comia direito há muitos dias, pois não conseguia comer a comida da cadeia. Estava se alimentando somente de algumas frutas que colhia na horta ou sei lá o quê. Tinha perdido 15 quilos até então. Eu disse para ele que, mesmo sem vontade, tinha que comer um

pouco, pelo menos para manter o organismo funcionando. Um senhor de quase 60 anos naquelas condições humilhantes e ainda sem comer, não iria acabar bem. Felizmente durante o trabalho ele melhorou e conseguimos continuar a montagem dos canteiros. O oficial passa na estrada e de lá mesmo dá a ordem ao senhor Carlitos: “precisamos colher couves hoje para a escola, a moça já está esperando aqui”. Eu e o “mãozinha” nos prontificamos mas o senhor Carlitos, muito zeloso pela horta, disse que somente o senhor Nelson é que podia colher, para manter o padrão. Outros poderiam colher de forma errada e estragar as plantas. Nesses momentos vemos que, bons homens, fazem seu bom trabalho independente das condições. Muitos de nós provavelmente nunca nos reconheceríamos lá fora. Acostumado a ver o senhor Carlitos naquele uniforme vermelho simples de camiseta, short e chinelo, jamais o reconheceria lá fora usando um terno e gravata em seu pomposo escritório de contabilidade. De fato, ali éramos todos iguais, um bando de homens de vermelho. O que nos diferenciava não era o que possuíamos ou nossos diplomas, mas sim quem éramos de verdade. Curioso pensar como, na vida social, muitas vezes nos estribamos em nossos status sociais, posses, posições, patrimônios etc. Muitos, ao se retirar os bens e os status, não se sobra nada! Quer ver de que um homem é feito mesmo? Retira-lhe dele tudo, e o humilha. Nessas horas lembro-me da história de José do Egito, ou mesmo Daniel na Babilônia, ou mesmo de Jesus. Quando um homem é rico por dentro, não há miséria exterior que o faça diminuir.

Neste dia eu estava bastante cansado, havia pegado pesado na horta pois queria mesmo dormir melhor. Passar uma noite em claro confinado em uma cela com um bando de homens roncando e soltando gases não é nada agradável. Dormir bem era questão de saúde mesmo. Banho tomado, mais uma vez a mesma peça de roupa de sempre, devidamente perfumada com sabão de barra e deito-me

encolhido num canto enquanto outros vão passando para lá e para cá, tentando evitar pisar em minha cabeça. Não sei por que essa turma vai tanto ao banheiro. Acho que a questão emocional abala muito o intestino. Já finalmente enrolado na coberta e com meu travesseiro de marmitas embaixo do colchonete, luzes apagadas e TV ligada em volume baixo, começo a pegar no sono, quando entra um agente penitenciário e grita lá fora por meu nome. Eu não escuto e os colegas da frente me chamam com pressa. Vou até à janelinha da grade e pergunto com o oficial o que era. Ele disse: “Vão bora! Alvará de soltura!”. Eu, ainda sem entender direito, comento se era pegadinha isso. Os colegas de cela dão risadas, mas ao mesmo tempo dizem para eu me apressar, tinha que sair rápido senão o oficial iria embora. Eu não estava esperando aquilo! Os amigos realmente haviam feito a “vaquinha” para me tirar da prisão! Na correria, deixo tudo para trás (bolsa, toalha molhada, sabão, escova de dente e caneca). Esqueço também meu papel amarelo com os telefones. O agente me pega e encaminha para o escritório. Ficava longe do local. Já era tarde e devia estar fazendo uns sete graus ou menos, eu estava só de camiseta e short. Mas a emoção era tanta que eu nem me dei conta do frio. Os colegas de cela ficaram muito felizes por mim e muitos acenaram contentes. Nem deu tempo de me despedir do senhor Carlitos, do senhor Nelson, do Noel, do cantor, e dos demais rapazes que não conseguia decorar os nomes, mas jamais esquecerei seus rostos. Chegando então no escritório o agente penitenciário também se alegrou por mim e disse “o senhor está livre!”. Não sabia mais o que sentir! Apenas pensei em como iria embora daquele lugar naquela hora da noite. O agente disse que eu poderia ligar para alguém, mas minha esposa estava longe cuidando da mãe, também não teria coragem de ligar para a Aninha naquelas horas, pensei então em chamar um Taxi ou Uber. Voltei correndo para a cela e pedi aos colegas um telefone de alguém corajoso que topasse pegar um presidiário em

uma penitenciária remota tarde da noite, ou seja, um milagre! Logo me passaram pelas grades um papel com um número. O Capa disse que esse era o único motorista que viria! Voltei, quase congelando, e fiz a ligação. Meu coração faltava sair pela boca, torcendo para que alguma voz atendesse do outro lado. Alguns segundos de tensão e alguém fala “alô”. Foi um alívio. Comentei com ele que era um detento por pensão alimentícia e que não tinha ninguém para me buscar. Ele disse que estava indo para outra cidade e não poderia. Eu implorei ao rapaz. Ele então disse que iria me buscar, mediante um valor justo. Eu concordei e ele desligou. Fiquei na recepção, aguardando a chegada do carro dele, como um noivo espera uma noiva no altar de uma igreja. Trinta minutos depois, já quase congelando, aponta um carro branco na sinuosa e escura estrada. Estaciona e pergunta meu nome. Eu não sabia se entrava no carro ou o abraçava. Era um rapaz de uns 35 anos, grande e roliço, quase não cabia no banco do motorista daquele carro popular compacto. Dirigia encurvado como um caracol para caber atrás do volante. Durante a viagem fomos conversando e ele me dizia que também tinha passado por aquilo há três meses atrás. Sua pensão estava alta demais e sua renda havia caído muito durante a pandemia e após ela. Suas dívidas tinham aumentado e o resultado foi que, não encontrando compreensão da mulher e da filha, o colocaram na prisão. Ele dizia-se muito decepcionado não só com a ex-mulher, mas principalmente com a filha adolescente. Sentia-se apunhalado pelas costas. No caso dele foi mais chocante pois ele havia pegado uma superlotação fora do normal lá, eram 74 homens naqueles dias em que ficou preso. E pior, ele acabou pegando pneumonia logo nos primeiros dias, passou muito mal, vomitava na praia, suava muito. De tanta febre chegou a defecar nas calças no meio da turma. De tanto sofrer, deixaram ele ficar em uma “jega” para ajudar. Ele disse que ficou 15 dias lá sem ter nenhum tratamento direito e suando feito uma chaleira. Estava muito preocupado pois, caso ficasse 90 dias preso, voltaria

completamente falido. Foi então que, com muito custo, conseguiu um dinheiro emprestado no banco e pagou a dívida de 35 mil reais para poder ser solto. Ele disse que foram os dias mais difíceis da vida dele e que agora, ainda mais endividado, está trabalhando triplicado. Ele comentava que entendia bem o que eu estava passando. Quando foi liberto, prometeu para si mesmo que buscaria todos os passageiros lá na prisão, custasse o que custasse. E tem cumprido essa promessa, não só comigo, mas com muitos outros. Ele tem sido o único que busca presos que são soltos de noite no local. A história dele e principalmente seu propósito em ajudar outros que passam pelo que ele passou me tocou muito.

Ao chegar em casa pedi para que ele esperasse enquanto eu ia buscar o celular. Peguei uma garrafa de champanhe que estava na geladeira e voltei apressado para o carro, fiz um PIX de o dobro do combinado e entreguei a bebida dizendo que era para ele comemorar com sua atual mulher assim que possível. Ele ficou muito agradecido e olhou dentro dos meus olhos, me desejando boa sorte a partir daqui. Fiz o mesmo com ele, dizendo que ele iria vencer tudo isso! Nos despedimos e fiquei olhando o salvador carro branco virar a esquina. Quando entrei finalmente em casa não pensava em mais nada a não ser duas coisas: tomar um copo de água gelada e pedir uma pizza! Sim, liguei para a pizzaria antes de ligar para minha mulher! Eu mesmo comecei a rir sozinho. E, claro, a segunda ligação que fiz foi para ela, quando então choramos juntos! Ela estava em São Paulo, cuidando da mãe. Fui então para o chuveiro e coloquei no modo inverno no máximo e tomei um banho de 10 minutos, o dobro do que eu podia tomar lá! Isso foi mágico! Aquele banho de 10 minutos com água quente era a melhor coisa do mundo! Peguei uma peça de roupa limpa, a primeira em dias, e vesti. Fiquei alguns minutos sentado na sala, em uma espécie de transe. Só quebrei o transe quando percebi

uma cartela de dipirona na mesa. Sim, uma cartela inteira com 10 comprimidos! Como eu havia desejado um comprimido desses nos últimos dias. Tomei então um. Com 30 minutos a dor foi passando e pude então, finalmente, deitar em minha cama. Mas era diferente. Eu olhava aquele colchão enorme só para mim, e ainda por cima com dois travesseiros, era a melhor visão do mundo! Naquele momento lembrei-me dos colegas de cela e senti uma angústia, por pensar que eu estava agora ali, em uma cena completamente diferente da que compartilhávamos juntos há algumas horas atrás. Era um misto de emoções. Desliguei a luz e adormeci, finalmente.

---

Quer fazer comentários, dar seu depoimento, enviar um feedback ou falar diretamente com o autor? Envie um e-mail para:

**[propaismg@gmail.com](mailto:propaismg@gmail.com)**

Todo apoio é bem-vindo!

Você é um jornalista, advogado, psicólogo, participa de outros grupos, ou é um pai com vontade de também ajudar a outros, ou mesmo um ativista que queira contribuir de alguma forma? Entre em contato!

**[propais.org](http://propais.org)**